

UNIVERSIDADE DO SAGRADO CORAÇÃO

NATALIA DALLAQUA SALIBA

**TERRORISMO E SEGURANÇA INTERNACIONAL:
UMA ANÁLISE DAS DOURTINAS BUSH E OBAMA**

BAURU
2015

NATALIA DALLAQUA SALIBA

**TERRORISMO E SEGURANÇA INTERNACIONAL:
UMA ANÁLISE DAS DOUTRINAS BUSH E OBAMA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao centro de Ciências Exatas e Sociais Aplicadas como parte dos requisitos para obtenção do título de bacharel em Relações Internacionais, sob orientação da Profa. Ma. Roberta Cava.

BAURU
2015

Saliba, Natalia Dallaqua

S1651t

Terrorismo e segurança internacional: uma análise das doutrinas Bush e Obama/ Natalia Dallaqua Saliba. -- 2015.

61f.

Orientadora: Profa. Ma. Roberta Cava.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações Internacionais) – Universidade do Sagrado Coração – Bauru – SP.

1.Barack Obama.2. George W. Bush.3. Estados Unidos.4. Segurança Internacional.5. Terrorismo. I. Cava, Roberta. II. Título.

NATALIA DALLAQUA SALIBA

**TERRORISMO E SEGURANÇA INTERNACIONAL:
UMA ANÁLISE DAS DOCTRINAS BUSH E OBAMA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao centro de Ciências Exatas e Sociais Aplicadas como parte dos requisitos para obtenção do título de bacharel em Relações Internacionais, sob orientação da Profa. Ma. Roberta Cava.

Banca examinadora:

Profa. Ma. Roberta Cava
Universidade do Sagrado Coração

Profa. Ma. Beatriz Sabia Ferreira Alves
Universidade do Sagrado Coração

Profa. Ma. Mariana de Freitas Montebugnoli
Universidade do Sagrado Coração

Bauru, 03 de dezembro de 2015.

Aos meus pais, Sandra e Rubens, que me deram a vida e me ensinaram a vivê-la com dignidade, que iluminaram meus caminhos com amor e dedicação para que eu conseguisse seguir sem medo e cheio de esperanças, que se doaram inteiros e renunciaram aos seus sonhos para que pudesse realizar os meus, pela longa espera e compreensão durante minhas jornadas e por sempre acreditarem e me incentivarem a buscar meus sonhos, não bastaria um muitíssimo obrigado.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha mãe por todo amor incondicional e carinho, por ser meu porto seguro e sempre me apoiar e me incentivar nas horas difíceis, de desânimo e cansaço, por abrir mão de muita coisa para que pudesse estar sempre presente. Obrigada por todo esforço e por ser essa mãe incrível que você é.

Agradeço ao meu pai por todo amor incondicional e carinho, por todos os ensinamentos, apoio, proteção, por transmitir sua calma e fé e por me orientar nas minhas decisões. Obrigada pelo esforço diário para que pudesse dar o melhor para nós. Tenho orgulho do pai incrível que você é.

Agradeço ao meu irmão Guilherme, que devido às circunstâncias sempre esteve ao meu lado e de forma direta ou indireta sempre demonstrou seu amor e carinho.

Agradeço a minha Avó Olga por todos os momentos ao seu lado e por me mostrar o que é amar e ser amado. Sinto sua falta todos os dias.

Agradeço a minha Tia Lourdes por todo amor, carinho, preocupação e por todas as orações destinadas a mim. Obrigada por sempre estar ao meu lado.

Agradeço a minha Tia Ana pelo seu carinho e por estar sempre presente.

Agradeço ao Rafael, por todo amor, companheirismo, paciência, compreensão, carinho, e por me ajudar muitas vezes a achar soluções quando elas pareciam não aparecer. Obrigada por sempre me apoiar e estar ao meu lado.

Agradeço a Laila por todos os momentos que esteve ao meu lado e por ter me mostrado o verdadeiro significado de companheirismo e amor, ao Toby por alegrar meus dias, pelo seu amor e companheirismo em nunca me deixar sozinha e ao Billy e ao Rusk por todo o carinho. “Animais são anjos disfarçados que vivem na terra para mostrar ao ser humano o que é fidelidade”.

Agradeço ao Kauê por ter me cativado e me mostrado o valor de uma verdadeira amizade, você marcou minha vida e tornou-se muito especial. Obrigada por alegrar minhas noites e transmitir toda sua alegria contagiante no tempo que esteve presente.

Agradeço a Mariana por estar sempre presente, por toda sua amizade especial e por fazer parte da minha vida.

Agradeço a Débora, Julieth e Natalie pela amizade, companheirismo e por todos os momentos que compartilhamos.

Agradeço a Gabriela pela amizade, por toda ajuda e por me socorrer e me acalmar nos momentos de desespero.

Agradeço ao Professor Daniel e a Professora Verônica por sempre nos incentivar a seguir em frente e buscar novas oportunidades, por todo suporte, dedicação, ensinamento, carinho e pela amizade de vocês. Obrigada por tudo que fizeram e conquistaram por nós.

Agradeço a minha orientadora Roberta, por ter me aceitado como orientanda, pelo suporte no pouco tempo que lhe coube, pelas suas correções, compreensão, paciência, incentivo e dedicação na elaboração deste trabalho.

Agradeço a Professora e Coordenadora do Curso Beatriz, pela dedicação e por transmitir seu conhecimento.

Agradeço a Professora Laís por todo ensinamento e por através de suas conquistas me incentivar a buscar meus sonhos.

Agradeço a todos os meus colegas de sala pelos anos de faculdade. Obrigada por fazerem parte dessa etapa da minha vida.

Agradeço a todos os professores que transmitiram seus conhecimentos e contribuíram para minha formação.

Agradeço a todos que de alguma forma, direta ou indiretamente, estiveram presentes.

“All our dreams can come true, if we have the courage to pursue them”. (Walt Disney)

RESUMO

O terrorismo e a segurança estão cada vez mais presentes no cenário internacional. Os Estados buscam constantemente recursos para garantir a sobrevivência e segurança acima de tudo. A partir da nova ordem global transnacionalizada, os Estados passaram a contar com auxílios de atores não-estatais para manter e estabelecer a paz mundial.

Os atentados de 11 de setembro aos Estados Unidos são um exemplo da motivação norte-americana, nos governos de George W. Bush e Barack Obama, em enrijecer tanto a segurança internacional quanto a nacional, deixando claro que através do medo e da sensação de vulnerabilidade imposta a nação, os governos permanecem em busca constante de poder, exercendo uma força diplomática e política contra as ameaças à sua soberania e segurança.

O presente trabalho propõe analisar como o poder detido pelos Estados Unidos nos Governos Bush e Obama, gera uma assimetria de forças na agenda de Segurança Global através da teoria realista praticada pelo governo norte-americano.

Palavras-chave: Barack Obama, George W. Bush, Estados Unidos, Segurança Internacional, Terrorismo.

ABSTRACT

Terrorism and security are more and more present on the international stage. The States constantly seek resources to ensure survival and security above all. With the new cross-border global order, states now count on non-states actors to keep and establish world peace.

The attacks of September 11 on the United States are an example of the US motivation, in the government of George W. Bush and Barack Obama, to tighten both the international and national security, making clear that through fear and vulnerability feeling imposed to the nation, governments remain in constant search of power, by using diplomatic and political force against threats to sovereignty and security.

This paper proposes to examine how the power held by the United States on Bush and Obama governments, creates an asymmetry of forces in the global security agenda through the realist theory practiced by the US government.

Key-words: Barack Obama, George W. Bush, The United States, International Security, Terrorism.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	Erro! Indicador não definido.
2 A TEORIA REALISTA EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS	Erro! Indicador não definido.5
2.1 OS PRIMÓRDIOS DA TEORIA REALISTA: NICOLAU MAQUIAVEL E THOMAS HOBBS.....	16
2.2 A TEORIA REALISTA DE HANS MORGENTHAU.....	21
2.3 O NEORREALISMO DE KENNETH WALTZ.....	Erro! Indicador não definido.
3 A INFLUÊNCIA DO TERRORISMO NA SEGURANÇA GLOBAL	Erro! Indicador não definido.
3.1 ELEMENTOS DA SEGURANÇA GLOBAL	30
3.2 O ESPAÇO QUE O TERRORISMO OCUPA NA AGENDA DE SEGURANÇA GLOBAL.....	33
4 TERRORISMO E A POLÍTICA DE SEGURANÇA NORTE-AMERICANA	39
4.1 TERRORISMO NA POLÍTICA EXTERNA DOS GOVERNOS BUSH E OBAMA: DIFERENÇAS E PROXIMIDADES	40
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
6 REFERÊNCIAS	59

1 INTRODUÇÃO

O terrorismo ganha cada vez mais relevância âmbito da segurança internacional. Com fim da Guerra-Fria, o cenário mundial passou por uma reconfiguração na identidade cultural dos povos e acarretou em um choque de civilizações. Assim, o conceito de segurança se renova, alegando agora a noção de segurança global multidimensional, e a nova ordem global ganha um caráter mais transnacionalizado e passou a contar com o auxílio de atores não-estatais para manter e estabelecer a paz mundial.

Ao mesmo tempo, o terrorismo passou a se sustentar da globalização e de sofisticados arsenais com o intuito de tornar seus atos cada vez mais catastróficos no âmbito internacional, exigindo cooperação e alianças entre as nações.

Dessa forma, os atentados de 11 de setembro de 2001 aos Estados Unidos serão utilizados pelo presente trabalho para refletir a respeito da motivação norte-americana em modificar e fortalecer sua segurança interna e externa em pró da segurança de seus cidadãos.

Após os atentados as torres gêmeas e ao pentágono, o Estado americano declarou uma busca constante pelo poder, justificada pelo atual cenário de insegurança americana. O então presidente George W. Bush estabeleceu a “Cruzada mundial contra o terror” e contra o “Eixo do mal”, conhecida como Doutrina Bush, em defesa da segurança interna do país. Tratou-se de uma iniciativa militar desencadeada pelos Estados Unidos como parte de uma estratégia global de combate ao terrorismo. Assim, o cenário de segurança norte-americana, assim como seus elementos dentro da agenda política norte-americana, foi alterado.

Mas como o terrorismo em si, define a agenda de segurança e política dos governos norte-americanos nos mandatos de Bush e de seu sucessor, Barack Obama?

Nesse sentido, observa-se que foi aberta uma nova era de ameaças aos Estados Unidos e ao mundo com foco no terrorismo e na necessidade de combatê-lo em nível global. Novos inimigos colocaram em pauta a estabilidade mundial.

O terrorismo define as agendas de segurança e política dos governos norte-americanos, através do medo imposto ao governo e a sociedade, de modo que, independente do governo, permaneça uma busca constante pelo poder, exercendo sua força diplomática e política contra ameaças à sua soberania e a segurança nacional de seu Estado. É possível, pois, justificar a análise da presença do terrorismo na agenda de segurança norte-americana nos governos Bush e Obama, destacando “guerra ao terror” como tema fundamental da prática governamental do país.

Como objetivo, este trabalho pretende demonstrar a necessidade de uma política de governo sólida e eficaz, assim como demonstrar como o poder detido pelos Estados Unidos nos Governos Bush e Obama gera uma assimetria de forças na agenda de Segurança Global.

Aqui cabe ainda como justificativa para a proposta do trabalho destacar que a motivação primária de todo líder político é manter-se no poder, argumento fundamental na lógica da sobrevivência, ou seja, as decisões que não favorecem a permanência do líder no poder provavelmente não serão implementadas.

Desse modo, a teoria realista servirá como base de estudo para demonstrar como o poder detido pelos Estados gera uma assimetria de forças na agenda de segurança global, já que para os realistas o Estado é o ator principal das Relações Internacionais e estão em uma busca constante pelo poder. Será possível esclarecer que o Estado é o ator principal nas Relações Internacionais e que o poder se faz necessário assim como o uso de alianças é crucial para lidar com o desafio da segurança.

Por meio da visão de Nicolau Maquiavel, Thomas Hobbes, Hans Morgenthau e Kenneth Waltz o trabalho buscará esclarecer que o Estado é o principal ator nas Relações Internacionais e que o poder se faz necessário assim como o uso das alianças para lidar com os desafios da segurança

O recorte do trabalho abordará o cenário internacional após os atentados de 11 de setembro, pois tal acontecimento afetou de maneira determinante as relações político-diplomáticas, econômicas e militares dos EUA, ou seja, o tema se torna relevante para as Relações Internacionais do século XXI.

A ordem geopolítica mundial transforma-se após os ataques terroristas, sofrendo modificações extremamente significativas, desestabilizando instituições e implementando o pânico na sociedade. Portanto, há uma necessidade de analisar o quanto o terrorismo altera a agenda de segurança e política de um Estado, assim como as interferências e modificações que causam na segurança global e na ordem mundial, ampliando e incrementando a literatura a respeito desse tema.

O presente trabalho propõe em seu primeiro capítulo, enfatizar a relevância da Teoria Realista para o cenário das Relações Internacionais, assim como a visão e posicionamento dos conceituados teóricos realistas, a fim de explicar as atitudes tomadas pelos Estados Unidos tanto na arena nacional quanto internacional.

Em seguida, o segundo capítulo apresentará uma análise da influência da segurança global e do terrorismo pós-guerra Fria, assim como o espaço que o mesmo ocupa na agenda de segurança. Devido à intensificação de novos inimigos, as ameaças e os riscos eminentes,

antes solucionados por ação unilateral de um Estado, passaram a ultrapassar fronteiras, exigindo a cooperação de vários atores para promoção da segurança global.

Já o terceiro capítulo tem por objetivo demonstrar a maneira como a política externa norte-americana se norteia nos governos Bush e Obama, enfatizando principalmente a motivação norte-americana após os atentados de 11 de setembro de 2001.

Finalmente, o trabalho apresentará, em suas considerações finais, observações a respeito da exploração bibliográfica realizada, expondo reflexões possíveis que articulem o conteúdo apresentado com o atual cenário internacional.

2A TEORIA REALISTA EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Em 1648 após a celebração da Paz de Westphalia, intelectuais e chefes de Estados tiveram que se dedicar a questões de guerras e paz entre os Estados, delineando os objetivos de estudo assim como os instrumentos teórico-conceituais. A Paz de Westphalia inaugurou o marco das Relações Internacionais Modernas, estabelecendo uma correlação entre o Direito e a Política em prol de uma estabilidade de governo, paz e equilíbrio internacional. Dessa forma as noções de Estado e de Soberania reformularam a comunidade internacional, respeitando os Estados e sua soberania, portanto a Paz de Westphalia instituiu a noção de Estado e balanço de poder como instrumentos decisivos na formulação e implementação da política internacional¹.

Até a Primeira Guerra Mundial o estudo das relações internacionais² era mais diversificado, voltado às disciplinas de Economia Internacional, História Diplomática, Política Internacional e Direito Internacional. Após esse Marco nasceu a vontade de estudar maneiras para se evitar uma nova guerra, ou seja, era necessário que os Estados mantivessem relações diplomáticas entre si, evidenciando, portanto, um esforço para tornar as Relações Internacionais³ um campo diplomático, autônomo e multidisciplinar.

Instituições norte-americanas e inglesas passaram a dedicar linhas de pesquisas e estudo no campo das Relações Internacionais, com o objetivo de melhor entender o novo cenário mundial e continuar a exercer o poder em detrimento da luta pela conservação da posição hegemônica. Em 1919, na Universidade de Gales, a primeira Cátedra universitária de Política Internacional foi dedicada ao campo das Relações Internacionais, assumida pelo inglês David Davies.

Nos Estados Unidos, as Relações Internacionais nasceram a partir dos estudos das Ciências Políticas, desde o início elas foram criadas como meio de solução dos problemas enfrentados pelo Estado, em detrimento da defesa de seus interesses nacionais. Na Inglaterra as Relações Internacionais surgiram de uma cooperação de diversos setores acadêmicos com o campo da diplomacia, assumindo um caráter de extrema importância no campo cultural.

¹GONÇALVES, Williams. **Relações Internacionais.** p.13. Disponível em: <http://www.cedep.ifch.ufrgs.br/Textos_Elet/pdf/WilliamsRR.II.pdf> Acesso em: 28 set. 2015

²Relações Internacionais com letra minúscula refere-se ao objeto do conhecimento. Ibid., p.7

³Relações Internacionais com letra maiúscula estudam as relações internacionais, ou seja, referem-se ao nome da disciplina. Ibid., p.7

Para explicar a realidade do mundo, assim como esclarecê-las, surgem as Teorias de Relações Internacionais. A teoria Realista neste trabalho é fundamental para demonstrar como o poder detido pelos Estados gera uma assimetria de forças na agenda de segurança global.

Na teoria realista o Estado é considerado o ator central das relações internacionais, atuando em dois cenários distintos. No plano das relações internacionais, o Estado tem como finalidade assegurar a paz e a segurança interna de possíveis ameaças externas, as quais possam desestabilizar a sua soberania. No plano doméstico, o Estado possui a capacidade de monopolizar a força e o poder perante a sociedade interna. Portanto ao mesmo tempo em que o Estado é desprovido de autoridade no cenário das relações internacionais, ele é soberano perante a sociedade interna.

Caracterizado como ator unitário e racional, o Estado age sempre em defesa dos interesses nacionais maximizando os ganhos e garantindo a sobrevivência. Nesse cenário, a anarquia para os realistas é um conceito definidor das relações internacionais, a qual não representa um caos em si, mas a ausência de uma autoridade no cenário internacional, gerando desconfiança entre os Estados e estimulando um jogo pela sobrevivência, juntamente com a anarquia, o poder é tido como elemento central, motivador das ações seguidas pelo Estado. Os Estados necessitam de poder como meio para garantir a sobrevivência e a segurança.

O Direito Internacional prevalece somente quando não contradiz os interesses dos Estados os quais possuem recursos superiores aos demais interesses de Estados, ou seja, a ordem internacional e o direito são correlacionados com a força de poder e a autoajuda, noção de que os Estados só devem contar com a própria capacidade de agir em busca de seus interesses e objetivos, não exclui a possibilidade de cooperação e alianças com os demais Estados para garantir a sobrevivência e o poder no cenário internacional⁴.

2.1 OS PRIMÓRDIOS DA TEORIA REALISTA: NICOLAU MAQUIAVEL E THOMAS HOBBS

Ao tratar de assuntos como poder, sobrevivência, estado de natureza e autoajuda é necessário compreender, antes de mais nada, o pensamento de autores como Tucídes, Maquiavel e Hobbes.

⁴GONÇALVES, Op. Cit., p. 18

Tucídes foi o primeiro autor a tratar de um tema central das Relações Internacionais, a guerra. Ao abordar o tema, esclareceu que em um mundo onde o poder se faz sobre tudo e todos, os demais subordinados são obrigados a acatar, prevalecendo o medo de sobrevivência e de perda de soberania, o qual leva os Estados a ingressarem em estado de guerra.

Ao narrar a Guerra do Peloponeso, Tucídes aponta elementos chave das relações internacionais, como as alianças, as negociações, o comércio, as guerras e a tecnologia, deixando claro que os Estados se armam como pretexto de autodefesa de ameaças externas. Assim, as potências menores tornam-se submissas do poder das grandes potências, as quais formam alianças com as demais potências em busca de interesses nacionais e sobrevivência na arena internacional.

As potências estão sempre em busca de seus interesses, em busca de crescimento econômico e militar, com o objetivo de se fortalecerem e se sobressaírem, causando insegurança e medo aos demais Estados. Diante disso os países ameaçados sentem a necessidade de buscar um equilíbrio de poder entre as nações onde há uma maior manutenção da paz⁵.

Assim, em um cenário no qual a insegurança e as ameaças prevalecem, as guerras passam a ser justificadas como meio para se alcançar a paz, restabelecendo um equilíbrio de poder entre as nações.

Segundo Tucídes, a segurança internacional só é alcançada através de uma potência hegemônica que seja capaz de estabelecer uma ordem ao seu Estado, não somente através de guerras, mas também através dos benefícios do desenvolvimento econômico entre os aliados do governo⁶.

A questão da neutralidade é extremamente preocupante. Ao mesmo tempo em que o sistema de cooperação e alianças faz se necessário e podem ser benéficos ao Estado, Tucídes afirma que é necessário agir com cautela, pois os Estados estão sempre em busca de seus interesses próprios acima de qualquer ato de cooperação, então um Estado que adota a neutralidade diante de seus aliados pode ser visto como fraco e frágil no sistema internacional.

Nicolau Maquiavel, historiador, diplomata, filósofo, estadista e político italiano, filho de pais pobres, escreveu sua obra mais importante, “O Príncipe”, em 1513, na qual se propôs

⁵SARFATI, Gilberto. Teoria de Relações Internacionais, Editora Saraiva, 2005, p.66.

⁶Ibid, p.67.

a estudar as condições necessárias para que um soberano fosse capaz de conquistar, sobreviver e se manter no poder⁷.

Nas palavras do autor,

Um príncipe deve ter dois receios: um interno, por conta de seus súditos, e outro externo, por conta de seus penteados estrangeiros. Deste se defende com boas armas e bons amigos, e sempre que tiver boas armas terá também bons amigos. As coisas internas sempre continuarão firmes enquanto permanecerem firmes as coisas externas, salva se já estiverem perturbadas por alguma conspiração.⁸

É preciso levar em consideração, então, a maneira como o príncipe se relaciona com seus súditos na política interna, a qual o príncipe é soberano e reina sobre seu povo, assim como a maneira que se relaciona com os outros príncipes ou repúblicas na política externa, de modo a igualar seu poder aos demais Estados, não havendo superioridade.

É importante ressaltar que o príncipe deveria balancear sua dedicação a política, igualando suas dedicações tanto nas questões internas quanto externas da política de seu governo, já que se dedicasse somente as questões internas correria o risco de seu Estado ser conquistado por outra potência externa, assim como se dedicasse somente às questões externas, estaria sujeito a ser abatido por forças internas de seu próprio governo.

Os meios para as defesas nas relações internacionais, segundo Maquiavel, são basicamente as “boas armas”, meios de articulação como a diplomacia e as estratégias de governo, e os “bons amigos”, os soldados e diplomatas⁹.

O princípio básico apontado por Maquiavel em relação às questões internas seguidas pelo príncipe se baseia no uso da força, o mesmo se aplica no ponto de vista das relações internacionais, onde o uso da força é exercido em detrimento a moral. Assim, o termo “maquiavelismo” vem da separação entre a política, a qual se baseia no uso da força, e da moral, a qual é contrária ao uso da força. Um príncipe capaz de governar somente com os princípios da moral, sem o uso legítimo da força, seria considerado fraco diante de seus

⁷JÚNIOR, Helvécio de Jesus. **Nicolau Maquiavel e seu tempo: A Razão de Estado, A arte da guerra e suas contribuições para a Ciência Política e as Relações Internacionais**, Revista de Ciência e Política, (2014) 23 (1), p.108. Disponível em:<file:///C:/Users/user/Downloads/380-743-1-PB.pdf> Acesso em: 05 nov.2015.

⁸MAQUIAVEL apud SALATINI, Rafael. **Relações Internacionais Contemporâneas: novos protagonistas e novas conjunturas**, p. 17, Marília, 2014, Editora Cultura Acadêmica. Disponível em:<https://www.marilia.unesp.br/Home/Publicacoes/relacoes-contemporaneas.pdf> Acesso em: 05nov.2015

⁹Ibid., p.18

súditos e demais principados, o qual conseqüentemente deixaria de ser temido, correndo o risco de perder seu Estado para a conspiração.

As guerras, segundo o autor, não se evitam no campo das relações internacionais, elas apenas se adiam. Devido à inexistência de uma hierarquia nas relações internacionais os desacordos entre os principados ou republicas só serão capazes de serem solucionados mediante ou a guerra ou as estratégias arquitetadas pelos diplomatas para se chegar à paz. Se enquanto estiver em paz, qualquer príncipe, seja ele capacitado ou não, pode manter seu Estado, é, portanto, na guerra que um príncipe precisa demonstrar aos demais Estados se possui a virtú,¹⁰ ou se é dependente somente da fortuna¹¹.

Ao mesmo tempo, destaca que é necessário pensar na guerra não somente enquanto estiver em guerra, mas principalmente enquanto estiver em paz, pois em qualquer possível fatalidade no cenário das relações internacionais. Dessa forma, o príncipe que estiver preparado para agir na guerra antes da paz poderá enfrentar as diversas formas as quais a fortuna lhe apresentara, enquanto o príncipe que se preparar somente para a paz antes das guerras se arrisca a perder seu Estado para um príncipe com uma virtú maior, portanto, “se queres a paz, prepare-te para a guerra”, pois as vitórias na guerra legitimam um príncipe¹².

A esse respeito,

A guerra, as instituições e as regras que lhe dizem respeito são o único objeto a que um príncipe deve consagrar seus pensamentos e aplicar-se, o único que lhe convém como profissão; eis a verdadeira profissão de todo governante. [...] desprezar a arte da guerra, é o primeiro passo para a ruína.¹³

Em relação à paz no campo diplomático, o príncipe para Maquiavel articula dois cenários¹⁴: a neutralidade e as possíveis alianças. A neutralidade envolve os benefícios gerados em curto prazo. Um príncipe que se leva pela neutralidade de posição não possui a virtú necessária para perceber os malefícios que a fortuna lhe trará com o passar do tempo, enquanto um príncipe que se dedica às alianças tem a opção de se desvencilhar de cenários de

¹⁰ A virtú faz referência à inteligência e habilidade política do príncipe para a realização das “grandes coisas”. Junior, Helvécio de Jesus. Nicolau Maquiavel e seu tempo: A Razão de Estado, A arte da guerra e suas contribuições para a Ciência Política e as Relações Internacionais; Revista de Ciência Política e Pesquisa, (2014)

¹¹A fortuna faz referência aos atributos almejados pelo príncipe como a sorte, a honra, riqueza, poder e glória, são uma esperança dentro do imponderável a qual caracteriza os grandes líderes.

¹² SALATINI, Op., Cit., p.22.

¹³ MAQUIAVEL apud JUNIOR, Op. Cit., p.113

¹⁴SALATINI, Op. Cit., p. 23

guerras que não lhe trarão benefícios, possibilitando focar nas guerras de maior interesse, contudo é preciso ser cuidadoso e evitar as ambiguidades das alianças.

Um príncipe também é estimado quando é verdadeiro amigo e verdadeiro inimigo, isto é, quando, sem temor algum, declara-se a favor de um e contra o outro. Essa decisão é sempre mais útil do que se manter neutro, porque, se dois poderosos vizinhos teus entrarem em guerra, serão de tal natureza que, se um deles vencer, ou tens de temer o vencedor, ou não. Em qualquer dessas alternativas, será sempre mais útil declarar-se e guerra aberta, porque, no primeiro caso, se não te declaras, serás sempre presa de quem vencer, para a satisfação de quem for vencido, e nada haverá que te defenda nem ninguém que te proteja, pois, o vencedor não vai querer amigos suspeitos que não o ajudam na adversidade, ao passo que o perdedor não te protegerá porque não quiseste, com as armas em punho, partilhar de sua fortuna.¹⁵

Outro autor muito relevante para a teoria é o filósofo inglês Thomas Hobbes, que procurou esclarecer os problemas gerados após o Tratado de Westphalia, com a formação dos Estados e as crises econômicas, constitucionais e religiosas que ocorriam na época. Em sua obra *O Leviatã*, símbolo de potência soberana do Estado, Hobbes admite que um dos principais problemas do Estado seja a escolha da forma de governo, no qual o poder absoluto de um único soberano seria a melhor opção como forma de governo para um Estado¹⁶. Tal obra se intitula como o *Leviatã*, pois para o autor o *Leviatã* é símbolo de potência soberana.

A teoria da natureza humana descrita por Hobbes seria a maneira como os homens vivem em estado de liberdade, na qual o egoísmo prevalece sob as demais características humanas¹⁷. A partir do estado de liberdade o homem busca conquistar tudo para sua sobrevivência, cobiçando as escolhas dos demais. A luta para sobreviver nesse cenário onde prevalece o estado de liberdade do homem causaria uma “guerra de todos contra todos”, tornando o estado de natureza hobbesiano um campo de guerra, onde o sentimento de medo prevalece sob o de liberdade humana. Nesse sentido, o estado de natureza hobbesiano consiste no “desejo de poder numa situação na qual todos são iguais na capacidade de se prejudicarem, na qual os bens são insuficientes para satisfazer as necessidades de cada um e onde cada um tem o direito natural a tudo”.¹⁸

¹⁵ MAQUIAVEL apud SALATINI, Op. Cit., p.23

¹⁶ NEGRI, Stefania de Rezende. Ética e moral no realismo político, *Fronteira*, Belo Horizonte, v.2, p.90, jun. 2003. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/fronteira/article/view/5031/5124>> Acesso em: 05nov. 2015

¹⁷ *Ibid.*, p. 91

¹⁸ BOBBIO apud NEGRI, Op., Cit., p.95

Hobbes, ao analisar melhor o estado de natureza admite que a vida seria inviável dentro de um estado em que o homem utiliza de total liberdade, passa, portanto, a sustentar a ideia de que os homens abririam mão de suas liberdades em busca da sobrevivência. O contrato social estabelecido por Hobbes é, então, a ideia de que os homens passariam a se submeter a um soberano de Estado, capaz de controlar o estado de guerra em que estes se submetiam em busca da competição, glória e desconfiança, evitando, portanto que os homens se destruam¹⁹. O poder absoluto e unitário do Estado garantia seus direitos e deveres, além do cumprimento das leis garantidos pelo monopólio da força.

A teoria política hobbesiana se funde na sobrevivência da comunidade política, onde o poder detido pelo soberano está sempre ao lado dos interesses do Estado, assim como de suas necessidades para sobrevivência no sistema internacional anárquico, onde é impossível se estabelecer um Leviatã, tornando a anarquia do sistema internacional comparada ao estado de natureza hobbesiano que nada mais é que um estado de guerra permanente. Com isso, as relações de cooperação podem e devem ser violadas quando se trata de prevalecer os interesses de Estado na arena internacional.

O medo recíproco, a falta de confiança com relação às intenções do outro, a necessidade de obter maiores vantagens, podem acabar por se intrometer nas relações destes sujeitos jurídicos que são os Estados. Nossa conclusão é clara: se o estado de natureza deve ser substituído pelo de sociedade no seio de uma dada comunidade histórica, para Hobbes, no plano das relações internacionais, ele permanecerá sempre (...) isso não significa que os Estados viverão sempre em guerra, mas, sim, que o medo do não cumprimento dos acordos (...) (será), do ponto de vista hobbesiano, sempre o ponto chave das relações internacionais.²⁰

Tendo exposto os autores do Realismo Clássico, será apresentado a seguir o Realismo Moderno de Hans Morgenthau.

2.2 A TEORIA REALISTA DE HANS MORGENTHAU

Hans Morgenthau, nascido na Alemanha no ano de 1904, foi considerado um pioneiro nos estudos das teorias consolidando a visão Realista das Relações Internacionais.

Morgenthau passou a investigar as relações entre os Estados e as forças que o

¹⁹ SARFATI, Op. Cit., p. 71

²⁰ GOMES apud NEGRI, Op. Cit., p.94

envolvem, determinando que a paz mundial só seria alcançada nas Relações Internacionais por meio de um equilíbrio de poder, geridos por seis princípios básicos, os quais são essenciais para analisar e lidar com as relações internacionais, e definindo a teoria realista. Os seis princípios básicos segundo Morgenthau são²¹:

1. A política e a sociedade são governadas por leis objetivas as quais são reflexos da natureza humana.
2. Os interesses do Estado são objetivados em poder onde a razão caracteriza o campo político. Isso quer dizer que os Estados agem em busca de seus interesses, maximizando os ganhos e minimizando as perdas no campo da política externa.
3. O poder, conceito universal, varia de acordo com o cenário e o tempo no qual será exercido. Contudo mesmo na ausência de um Estado o poder sempre foi um conceito definidor entre as relações.
4. Os princípios morais devem ser subordinados aos interesses da política, estando alinhados aos interesses e a segurança do Estado. A influência da moral e da ética na política normalmente é utilizada como mecanismos de causa e apoio as ações dos Estados, entretanto não servem como julgamento para o comportamento dos mesmos.
5. Os princípios morais de um Estado não são considerados universais, cada nação possui uma visão do mundo, porem quaisquer que sejam os valores e princípios morais de uma nação, o poder sempre será a base dos princípios morais seguidos pelos mesmos.
6. A esfera política internacional, segundo Morgenthau, é legitimamente autônoma em relação as demais esferas sociais, não dependendo da esfera jurídica ou econômica, pois o campo político internacional possui suas próprias regras e leis.

As relações entre os Estados na política internacional sempre serão norteadas pela relação de poder entre os mesmos, onde estabelecidas podem ser determinadas tanto na relação entre os soberanos de Estados como nas relações entre os soberanos e a sociedade por meio de uma autoridade, ameaças, ordens entre outros fatores. No que diz respeito ao poderio militar, Morgenthau afirma que este se faz necessário no campo das relações internacionais a fim de demonstrar as demais nações à força política de um Estado.

²¹SARFATI, Op. Cit., p. 92

Para o autor o poder pode ser classificado de diversas formas²²:

1. Poder utilizável: é aquele exercido em cenários de guerras com o uso de forças militares e armamentos.
2. Poder não-utilizável: é aquele representado pelas armas nucleares impossibilitadas de utilização quando no cenário de guerra os países envolvidos no conflito possuem o poderio de tal, anulando portando a destruição do outro.
3. Poder legítimo: é justificado no contexto de autodefesa, de apoio ou de aprovação das Nações Unidas em cenários de guerras.
4. Poder ilegítimo: diferente do legítimo, não pode ser justificado no caso, por exemplo, dos governos não reconhecidos internacionalmente, das guerras desencadeadas com pretexto de expansão política e a ação de guerrilhas.

Para Morgenthau, a política externa dos países pode ser classificada como uma política voltada à manutenção do poder, evitando alterações na arena internacional. Defende então, uma política externa voltada a aquisição de mais poder gerando uma alteração na estrutura política ou uma política externa baseada em ações diplomáticas com a finalidade de apenas demonstrar seu poder.

Diante de tais políticas externas Morgenthau afirma que a segurança internacional e a paz mundial somente serão alcançadas através de uma balança de poder entre os Estados. Esta balança de poder possui limites em relação ao grau de incerteza, onde há possibilidade de erros em relação à distribuição de poder entre os Estados, ao grau de irrealidade, pois o contexto de poder e força podem estar errados e, por fim, o grau de insuficiência, pois, mesmo no meio de falhas, há possibilidade de correção embasada em princípios morais²³.

Desse modo, o Estado mundial é tido como uma alternativa de se alcançar a paz mundial, no que se refere apenas há uma única pessoa a qual teria a legitimidade de controlar uma estrutura única capaz de evitar a desestabilidade da paz mundial através de forças militares.

A natureza de guerra transforma-se em uma guerra total deteriorada pelos limites morais da luta pelo poder. No campo do Direito internacional, Morgenthau afirma que este é descentralizado devido à ausência de um poder unitário capaz de impor deveres e regras a todos os Estados.

²² SARFATI, Op, Cit., p.94

²³ Ibid., p.95

Como analisado anteriormente os autores do Realismo Clássico e do Realismo Moderno, a seguir será apresentado o Neorrealismo ou Realismo Estrutural de Kenneth Waltz.

2.3 O NEORREALISMO DE KENNETH WALTZ

Kenneth Waltz foi um dos principais fundadores do neorrealismo ou realismo estrutural na teoria das Relações Internacionais.

Waltz, em “O Homem, o Estado e a Guerra”, propõe-se a analisar os fatores os quais desencadeiam as guerras no sistema internacional. Como parte do pressuposto de que para se alcançar a paz é necessário primeiramente se estabelecer suas causas, Waltz as classifica de acordo com três níveis²⁴: a natureza ou o comportamento humano, a organização interna de um Estado e a anarquia internacional.

No primeiro nível de análise, a responsabilidade das guerras é designada á natureza ou ao comportamento humano, em que a maldade do homem é a causa das guerras, assim como sua bondade pode ser capaz de estabelecer a paz nas relações internacionais.

No segundo, a responsabilidade é designada a estrutura interna dos Estados, ou seja, a maneira como os Estados agem na política interna de seu governo, desencadearia uma guerra entre os mesmos, onde a paz só seria estabelecida mediante uma reforma de Estado.

O terceiro e último nível estabelece que, devido à anarquia internacional, a guerra passa a ser inevitável em um cenário onde os Estados soberanos e unitários utilizam-se de suas forças com o objetivo de defesa de seus interesses nacionais. A ausência de uma força superior que seja capaz de conter a maneira como os Estados agem no sistema internacional é um dos motivos pelos quais as guerras são desencadeadas.

Em 1979, Waltz lançou seu segundo livro “Teoria da Política Internacional”, elaborando uma nova teoria, o Neorrealismo ou Realismo Estrutural, com foco no sistema internacional, criticando o Realismo Moderno, cujo foco era o Estado.

As teorias de política internacional, segundo Waltz, são classificadas em reducionistas ou sistêmicas²⁵. Os reducionistas possuem seu foco nos indivíduos ou nas nações e procuram explicar os resultados da política internacional por meio das ações do Estado no cenário interno, ou seja, o modo como o Estado age internamente resulta na conduta de suas ações na

²⁴ COELHO, Bruna Moreira Silva. KennethWaltz- Parte 1: as produções teóricas até a década de 1980, p.2. Disponível em:<<https://pucminasconjuntura.wordpress.com/2013/09/16/kenneth-waltz-parte-i-as-producoes-teoricas-ate-a-decada-de-1980/>> Acesso em: 05 nov.2015

²⁵ SARFATI, Op. Cit., p.144

arena internacional. Já os sistêmicos concentram-se no sistema internacional como elemento de análise e partem do pressuposto de que o comportamento das unidades políticas assim como o resultado de suas interações devem ser contidas na estrutura do sistema. Para Waltz, a estrutura do sistema refere-se a um conjunto de situações as quais refletem na política internacional, de forma indireta, de duas maneiras²⁶: por meio da socialização dos atores e por meio da competição entre os atores.

A socialização dos atores na política internacional faz com que os Estados produzam normas para garantir certo comportamento esperado dos mesmos, evitando ações desnecessárias. Ao mesmo tempo em que a socialização conduz os atores a agirem de forma padronizada e racional, a competição entre os atores faz o mesmo, com o objetivo de garantir a sobrevivência somente dos mais bem adaptados para se manterem no sistema internacional.

Portanto, a estrutura é determinada pela maneira como as partes se relacionam e pela maneira como os Estados agem uns em relação aos outros no cenário internacional, através do posicionamento e relacionamento entre as unidades do sistema.

No que se refere à estrutura interna de um Estado, as instituições se submetem a um poder centralizador de maneira hierárquica, de forma que todo o ordenamento interno de um Estado é definido por atribuições designadas entre as instituições do poder, como aos poderes legislativos, judiciário e executivo, segundo o princípio do ordenamento. Em relação a estrutura internacional não há ordenamentos onde se prevalece a anarquia, portanto nenhum Estado é superior ao outro no sistema internacional²⁷.

As estruturas políticas internacionais podem ser definidas de acordo com²⁸: O princípio do ordenamento, as características das unidades e a distribuição das capacidades na política internacional. Em relação ao princípio do ordenamento, o sistema interno de um Estado é centralizador e hierárquico, diferente do sistema internacional o qual é descentralizado e anárquico, ou seja, no sistema internacional os Estados agem de maneira racional para garantir-se na competição em defesa de seus interesses nacionais.

No que se refere às características das unidades, as instituições são diferenciadas no sistema interno, onde cada uma exerce uma função e se submete a relações de hierarquia entre as mesmas, diferenciando-se da política internacional onde não há diferenças entre os Estados os quais exercem as mesmas funções uns dos outros e não se submetem a relações de

²⁶ SARFATI, Op. Cit., p146

²⁷ Ibid., p. 147

²⁸ Ibid., p. 147

hierarquia devido à ausência de um ator soberano, caracterizando, portanto, uma anarquia no sistema internacional.

Por fim, a distribuição de capacidades na política internacional deve ser analisada de forma comparativa principalmente quando se trata de segurança internacional, onde os Estados ao mesmo tempo em que promovem sua segurança com o objetivo de se manterem e sobreviverem no cenário internacional, os mesmos devem ser vistos em termos comparativos com os demais Estados.

Em um sistema internacional anárquico, o estado de natureza dos Estados é a guerra, ou seja, os Estados são soberanos e unitários internamente com o monopólio do uso da força, cabe a eles usarem ou não desse poder.

Já em relação à balança de poder, Waltz afirma que os Estados são unidades que no mínimo querem se preservar e se manter no poder e, no máximo, dominar tudo e todos, portanto os Estados utilizam-se de seus meios internos, como o uso da força militar e econômica, para alcançar seus objetivos, assim como de seus meios externos em relação a formação de alianças com outros Estados ou diminuir as alianças dos opositores²⁹.

Os Estados tendem a estabelecer objetivos para garantir sua sobrevivência, assim como igualar suas capacidades com as dos outros para não correrem o risco de perder-se no sistema internacional, principalmente em relação à segurança, onde faz-se necessário balancear o poder do mais fraco com a potência mais forte na tentativa de estabelecer um equilíbrio de poder. Portanto, é necessário que haja um balanço de poder e para que isso ocorra é necessária uma ordem anárquica onde os Estados têm como objetivos sobreviverem no sistema, garantindo sua posição e conseqüentemente o balanço de poder e a estabilidade dos Estados.

Diante do estudo dos principais autores da teoria realista analisaremos a seguir a influência da segurança global e do terrorismo nos fenômenos internacionais.

²⁹ SARFATI, Op, Cit., p. 150

3 A INFLUÊNCIA DO TERRORISMO NA SEGURANÇA GLOBAL

Criada no fim da Segunda Guerra Mundial, em 1945, com a intenção de ser uma organização para união dos povos, a ONU, Organização das Nações Unidas, trabalha sob a configuração de poder e soberania dos Estados nacionais. Ao mesmo tempo em que é uma instituição autônoma, a ONU passa a ser subordinada as estratégias de poder dos Estados em particular os membros permanentes do Conselho de Segurança.

Os principais desafios da organização são manter e assegurar a paz e a segurança internacional, estabelecer justiça e os direitos humanos sobre os povos, assim como promover o progresso social e a liberdade dentro dos padrões de vida da nação.³⁰

No que se refere à segurança internacional, a ONU tem como obrigação fundamental para a convivência pacífica internacional estabelecer os seguintes princípios: a manutenção da paz e da segurança, a resolução de conflitos através da diplomacia preventiva, a qual é capaz de resolver as disputas antes de sua consagração, a prevenção de conflitos, o estabelecimento da confiança mútua entre os Estados na construção da paz e a cooperação internacional.³¹

O Conselho de Segurança da ONU possui o poder sobre todo o sistema das Nações Unidas, e é responsável por legitimar o poder dos Estados, assim como conceder o direito de veto aos mesmos, através de interesses nacionais sobre todo o processo decisório e de implementação³². Entretanto, o poder de veto concedido aos grandes Estados, Estados com poderes de influência no cenário internacional, dentro e fora da organização, afetou a capacidade da instituição em relação ao seu poderio e a sua imobilidade, assim como a capacidade de prevenir e controlar os conflitos existentes.

Com o fim da Guerra Fria o cenário internacional e a ONU passaram por reformas. Foi possível notar a necessidade de ampliar as questões de segurança incluindo aspectos não-militares relevantes, como os políticos, ajudas humanitárias, direitos humanos e reformas institucionais dentro da própria organização, além da necessidade de reforçar a cooperação entre os Estados através de alianças e associações com organizações regionais e não-governamentais com o objetivo de esclarecer as crises e conflitos existentes no mundo.³³

A evolução da política mundial após a Guerra Fria acarretou mudanças nas identidades dos povos, não apenas mudanças econômicas, políticas ou ideológicas, mas principalmente

³⁰ BRIGAGÃO, Clóvis. **Prevenir, manter e construir a paz: novos desafios**. Instituto de Estudos Avançados da USP, set. 1998. P.1. Disponível em: <http://www.iea.usp.br/publicacoes/textos/brigagaopaz.pdf>. Acesso em: 07.out.2015

³¹ Ibid., p.1

³² Ibid., p.2

³³ Ibid., p.3

mudanças culturais que, conseqüentemente, trouxeram transformações de uma ordem mundial bipolar em uma nova ordem multipolar e multicivilizacional. Os Estados-nação, principais atores no cenário internacional, passaram a buscar além de riquezas e poder, aspectos e valores culturais entre as nações.

Nesse sentido, Samuel Huntington destaca que a política mundial passa, então, por uma reconfiguração, voltada diretamente a uma política baseada no choque de civilizações, tida como a maior ameaça à paz mundial, pois os conflitos e problemas se encontram entre as civilizações e não dentro delas.

Para o autor, o mundo pós-guerra Fria se divide em quatro grandes mapas e paradigmas da realidade, indispensáveis para a compreensão da nova ordem mundial³⁴. Huntington o classifica primeiramente em um único mundo de euforia e harmonia, em que prevalece certa expectativa de harmonia entre os líderes políticos e os intelectuais, os quais compartilhavam de opiniões similares, em busca de uma ordem política baseada na manutenção da paz e na imposição da paz em prol de um mundo relativamente harmônico. Contudo essa ilusão de um mundo harmonioso não ocorreu devido a, por exemplo, a multiplicação de conflitos étnicos, novos conflitos entre os Estados e pela incapacidade de conter os conflitos locais.

Segundo mapa refere-se a dois mundos, Nós e Eles, em que o mundo passou a ser dividido em Norte- Sul, Oriente e Ocidente, Centro e Periferia. O mundo é muito complexo para ser compreendido somente dentro dessas divisões.

Em seguida destaca-se, a Teoria realista das Relações Internacionais, na qual os Estados são vistos como atores principais e unitários no Sistema Internacional anárquico, em busca constante pelos seus interesses nacionais, poder, sobrevivência e segurança. No mundo pós-guerra Fria os Estados, além de focarem seus interesses em segurança e poder, passaram a se dedicar aos interesses civilizacionais, na cooperação e alianças com Estados os quais possuem culturas similares. As instituições internacionais, por sua vez assumiram um papel preponderante em relação aos Estados, passando a julgar e impor limitações aos mesmos.

Por fim, tem-se o caos, referindo-se ao enfraquecimento, os conflitos étnicos e de nacionalidade e a quebra de autoridade por parte dos Estados, levando ao paradigma do caos, onde a anarquia está cada vez mais presente, contudo o mundo não é totalmente desprovido de ordem no Sistema Internacional.

³⁴ HUNTINGTON, Samuel P. **O choque de civilizações e a recomposição da ordem mundial**. Trad. M. II. C.Côrtes. Riode Janeiro. Editora Objetiva. 1997

Conseqüentemente, diante de tais mudanças, a estrutura de segurança internacional passou a ser vista através de quatro principais perspectivas teóricas no pós-guerra Fria e após os atentados terroristas de 11 de setembro nos Estados Unidos as mesmas se posicionaram de maneiras diferentes, são elas³⁵: neo- realistas, globalistas, regionalistas e construtivistas.

Em relação aos neo- realistas, trata-se de uma abordagem estodocêntrica, a qual foca a distribuição de poder no Sistema Internacional e determina a estrutura política mundial, preocupando-se com o sistema e o Estado, onde a territorialidade é um aspecto valioso do sistema. Tal abordagem admite que houve mudanças na estrutura de poder global com o fim da Guerra Fria.

Em relação aos atentados de 11 de setembro, a perspectiva neo- realista admite que os Estados Unidos sejam o grande responsável pela onda de terrorismo internacional e que tal ato pode ser considerado uma consequência da unipolaridade de poder americano, devido à forte influência norte americana no mundo. O 11 de setembro realinou, então, a relação entre as grandes potências e reforçou o poder Estatal e as medidas de segurança e territorial em relação ao Direito de Estado de vigiar e investigar.

Com o 11 de setembro, três elementos da agenda realista de segurança foram reforçados: a preocupação com a proliferação de armas de destruição em massa, a revolução em relação às questões militares, a qual criou um conflito entre os Estados Unidos e os demais atores do sistema e ao mesmo tempo focou na questão de força para que esta seja utilizada com precisão e pôr fim a questão de que o mundo está cada vez mais perto de um choque de civilizações causado pela diferenciação cultural.

No que diz respeito aos globalistas, eles priorizam a desterritorialização da política mundial, eliminando o Estado e o sistema de Estado do foco de análise, dando importância à perspectiva de redes e processos, e não à territorialidade em si. Reconhecem identidades transnacionais e organizações e regimes intergovernamentais. A globalização, segundo os globalistas, muitas vezes é a responsável por alterar a estrutura de segurança reduzindo a capacidade dos Estados em relação a suas opções estratégicas de segurança os quais muitas vezes recorrem à cooperação tanto no plano internacional quanto no regional.

Os globalistas, nos pós 11 de setembro, passaram a enfatizar as operações e métodos transnacionais da rede Al-Qaeda, a religião que transcende fronteiras, e os efeitos econômicos como as ameaças as quais vão além das capacidades dos Estados de controles individuais.

³⁵ BUZAN, Barry. **As implicações do 11 de setembro para o estudo das Relações Internacionais**. Revista Contexto Internacional, Rio de Janeiro, vol.24, nº 2, julho/ dezembro 2002, p. 235. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-85292002000200001&script=sci_arttext> Acesso em: 27. Out.2015

Desse modo, com o 11 de setembro, o Sistema Internacional passou por modificações, onde a capacidade militar detida somente pelos Estados passa a ser também de poder de outras unidades muitas vezes organizações não territoriais.

Os regionalistas defendem duas ideias: a queda de rivalidade entre as superpotências diminui a capacidade de inserção do poder global no restante do globo e após a Guerra Fria uma grande quantidade de poder do Sistema Internacional transformou-se em poderes brandos, onde os Estados e as sociedades locais administram a política militar sem interferências dos grandes poderes, ou seja, a esfera do plano global foi substituída pela importância da esfera regional. Os Regionalistas afirmam que os ataques terroristas de 11 de setembro reafirmaram a segurança regional como aspecto da ordem internacional, a qual está vinculada a interesses regionais.

Por fim, os construtivistas focam nas interações sociais, nos relacionamentos do pós-guerra Fria e quando se trata dos atentados de 11 de setembro passam a se dedicar a compreender o terrorismo organizado e suas implicações para a estrutura e funcionamento da sociedade internacional.

Para compreender a influência da segurança global e do terrorismo nos fenômenos internacionais é necessário apresentar o conceito e os elementos da segurança global, os quais serão apresentados a seguir.

3.1 ELEMENTOS DA SEGURANÇA GLOBAL

O conceito de segurança por parte dos formuladores de políticas é visto como sinônimo de poder, o poder pertencente a cada nação, e está diretamente ligado ao conceito de Segurança Nacional³⁶. A Segurança Nacional pode ser compreendida como um problema político quando são apresentadas ameaças ou vulnerabilidades ao Estado, os quais tendem a diminuir suas vulnerabilidades internas e as causas de suas ameaças externas, através da negociação ou de ataques militares. Assim, não é possível compreender a segurança nacional sem compreender o cenário internacional de segurança interdependente em que os Estados estão inseridos.

Para os realistas, o poder gera a segurança, ou seja, um Estado suficientemente poderoso através de sua posição dominante no sistema internacional adquire como resultado

³⁶ RUDZIT, Gunther. **O debate teórico em segurança internacional**, Mudanças frente ao terrorismo? In. Civitas, Revista de Ciências Sociais, Porto Alegre, v.5, n.2, julho-dezembro.2005, p.301. Disponível em <file:///C:/Users/user/Downloads/5-7668-2-PB.pdf> Acesso em: 27.out.2015

sua própria segurança, protegendo-se de ameaças externas que possam afetar seus interesses e valores nacionais.

Nos países não desenvolvidos, ou países do “Sul”, a questão da proteção contra ameaças externas não se aplica, mesmo porque a maior insegurança e ameaças sofridas, em geral, por esses Estados ocorrem dentro de seus próprios territórios e os conflitos neles existentes, como a falta de legitimidade de suas instituições e regimes, a coesão social inadequada e a ausência de consenso da população em assuntos sociais, econômicos e políticos, muitas vezes se espalham e ultrapassam as fronteiras para os países vizinhos, gerando conflitos interestatais.

Nos conflitos interestatais e de segurança regional o poder é o principal fator das relações amistosas ou de inimizades entre os Estados, que, por muitas vezes gera um desequilíbrio de poder entre os mesmos, os quais sofrem influências diretas e indiretas das grandes potências através de poderes e recursos de escala global³⁷. A noção de complexo de segurança abrange, então, um grupo interdependente de Estados com preocupações similares referentes à segurança que não podem ser julgadas separadamente, ou seja, é o medo de ameaças externas que faz com que os Estados vizinhos se unam por poder e segurança.

Após a Guerra Fria, os fenômenos de segurança baseados somente em estratégias militares de poder sofreram modificações, surgindo um novo conceito baseado na segurança global multidimensional, com aspectos e fenômenos de concorrência econômica, tecnológica, alterações ambientais, fluxos de migração, explosão populacional e o narcotráfico; ou seja, a nova ordem global ficou mais transnacionalizada contando com o auxílio de atores não-estatais³⁸. A preocupação dos Estados apenas com a segurança nacional ficou ultrapassada nas últimas décadas, quando os Estados passaram a se preocupar em alcançar os meios e contribuir para os atores não-estatais estabelecerem os fins para a segurança internacional.

A hegemonia de poder no sistema internacional gerou, assim, uma formação de regimes internacionais os quais controlam os Estados através de normas, valores e regulamentos com o objetivo de proporcionar estabilidade internacional. Para os realistas o Estado é a única unidade guiada pela razão, com objetivos específicos de promoção da segurança nacional e do indivíduo, com o dever de assegurar o direito de propriedade através do poder, ameaça e forças políticas e militares monopolizadas.³⁹

Nas palavras de Max Weber, o Estado trata-se de um

³⁷ RUDZIT, Op. Cit., p.311

³⁸ VILLA, Rafael Duarte. **A segurança global multidimensional**. In. Revista Lua Nova. N.46. 1999. p.1. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ln/n46/a05n46>> Acesso em: 27.out.2015

³⁹ VILLA, Op. Cit., p.105

Instituto político de atividade continuada, quando na medida em que seu quadro administrativo mantenha com êxito a pretensão ao monopólio legítimo da coação física para a manutenção da ordem vigente (...). Caracteriza também a associação política o fato de que a dominação de seu quadro administrativo e de seus ordenamentos mantenham sua pretensão de validade para um território determinado e que essa pretensão seja garantida pela força.⁴⁰

Desse modo em relação segurança, esta não pode se limitar apenas ao sistema interestatal como afirmavam os realistas; as questões e efeitos transnacionais e sociais da nova ordem global não são capazes de serem conduzidos por apenas um ator hegemônico. Hoje o sistema internacional é policêntrico, com instituições descentralizadas e interdependentes, com ordenamentos hierárquicos e constituídas por planos interestatais, transnacionais e supranacionais com soluções plausíveis de segurança global além das guerras como última instância.

Nesse sentido,

Existe uma passagem do sistema internacional para o sistema global-transnacional- bifurcado. O sistema internacional era Estado- cêntrico. O sistema global- transnacional- bifurcado é simultaneamente Estado- cêntrico (não hegemônico como superpotência militar) e multicêntrico (alta diversidade de atores- forças sociais, como corporações transacionais, organizações não-governamentais, organizações intergovernamentais, comunidades epistêmicas e mídia- formadores de opinião).⁴¹

Observa- se, então, que a nova concepção de segurança ultrapassa fronteiras e sofre influências, riscos e ameaças transnacionais monopolizadas, como por exemplo, os atos terroristas um nível global e as armas de destruição em massa, problemas que não são capazes de serem solucionados independente e isoladamente por ação unilateral de um Estado: é preciso à incorporação e cooperação de vários atores de segurança internacional coletiva⁴².

Entretanto o Estado continua atuando como ator principal de decisões nos processos globais, mas não de controle da agenda, administração e decisão os quais foram transferidos para o plano transnacional e supranacional.

A seguir será apresentado o conceito de terrorismo e o espaço que ele ocupa na agenda de segurança global.

⁴⁰ WEBER, Max, *Economia y sociedad*, México, Fondo de Cultura Económica, 1994. pp. 43-44. Tradução nossa

⁴¹VIOLA, Eduardo. **“A multidimensionalidade da globalização, as novas forças sociais transnacionais e seu impacto na política ambiental do Brasil, 1989- 1995”**. In: Leila da Costa Ferreira e Eduardo Viola (orgs.). *Incertezas de sustentabilidade na globalização*. Campinas, Editora da UNICAMP, 1996. p.16.

⁴² VILLA, Op. Cit., p.114

3.2 O ESPAÇO QUE O TERRORISMO OCUPA NA AGENDA DE SEGURANÇA GLOBAL

Definir o terrorismo é uma tarefa difícil, devido aos inúmeros conceitos atribuídos ao termo. Contudo, trata-se de uma forma extrema de ação política a qual afeta a solidariedade e a opinião pública.

O termo terrorismo refere-se a uma ação desesperada de protesto contra certas potências, com o intuito de desestabilizar algum regime, alterar a vida política, social e valores de uma nação, alcançando uma independência nacional. Costuma-se diferenciar do ato de guerra, o qual representa um choque entre nações, e do ato de guerrilhas, a qual tem por finalidade controlar um território.

O principal objetivo do terrorismo é gerar pânico na nação, desestabilizar instituições econômicas, político- diplomáticas e militares, e conseqüentemente acarretar mudanças radicais no sistema de Estado, onde a ordem geopolítica mundial passa a ser modificada radicalmente após os atos terroristas⁴³.

Derivada da expressão política de terror, exercida por grupos políticos com imediações de milícias paramilitares, de serviços secretos e de esquadrões da morte, o terrorismo de Estado pratica ações de tortura e desaparecimento de cidadãos sem que sejam responsabilizados, ou seja, são atos de violência interna que influenciam em atos internacionalizados.

O terrorismo cunhado no final do século XIX e início do século XX era inspirado e organizado por organizações, muitas vezes de cunho anárquico ou nacionalista, com objetivos políticos definidos, as quais, após seus atos, faziam questão de assumi-los com orgulho perante toda a sociedade nacional e internacional. Procuravam atingir somente pessoas específicas, figuras estratégicas do regime em questão, evitando atingir pessoas inocentes com mortes desnecessárias. O terrorismo anárquico, considerado progressista, lutava por questões de igualdade social o qual almejavam um progresso de usufruto de toda a população⁴⁴.

Já o terrorismo pós-moderno não possui objetivos definidos e as organizações que o praticavam não fazem questão de assumi-lo perante a sociedade nacional e internacional. Diferente do terrorismo praticado antigamente, para este não há inocentes, portanto não atinge apenas figuras estratégicas e sim todos que apoiam e convivem com o regime estabelecido,

⁴³VISENTINI, José William. **Terrorismo e nova ordem mundial**. 2001, p.2. Disponível em:<<http://www.geocritica.com.br/geopolitica03-1.htm>> Acesso em: 27 out. 2015

⁴⁴ VISENTINI, Op. Cit., p.3

exercendo influência em escala global, é considerado como um ato suicida e proporção catastrófica⁴⁵.

O novo terrorismo por sua vez, almeja todas as formas de se expandir através das mídias internacionais e do uso da internet, as quais transmitem seus feitos a boa parte da nação mundial, influenciando-a como qualquer outra mídia não consegue. Considerado conservador, não está preocupado com as ideias de desigualdade, liberdade, pobreza e exclusão, mais sim com as ameaças aos valores tradicionais, muitas vezes religiosos, os quais consideram absolutos.

Ao mesmo tempo, a não limitação a atos terroristas isolados torna-se uma das principais características do terrorismo pós-moderno, que se sustenta na globalização e em sofisticados arsenais de artefatos, novos, sofisticados e potentes instrumentos de ação e de financiamentos⁴⁶. Financiado por membros e simpatizantes, dispõe de apoios de determinados Estados para seus atos, os quais diante de tais instrumentos e apoios tornam-se atos cada vez mais catastróficos.

O tema terrorismo tomou frente em diversos fóruns e debates relacionados à segurança internacional, já que os Estados Unidos, depois dos atentados de 11 de setembro de 2001, direcionaram sua política externa e de defesa nacional no combate contra o terrorismo internacional, criando uma agência especializada de segurança conhecida como Homeland Security Office. Isso se deve ao fato de que o atentado desestabilizou a crença e sensação da nação de que o país era um lugar seguro para se viver, afetando todos os seus ideais e políticas internas e externas. Desse modo o sentimento de vulnerabilidade tanto da nação norte-americana como do mundo foi ressaltado, resultando em uma cooperação entre os Estados no combate ao terrorismo.

Os atentados atingiram, direta e indiretamente, alvos e objetivos precisos como o Pentágono, representante do poder militar norte-americano e o World Trade Center, representante do poderio econômico. Apesar do fracasso da tentativa de atingir a Casa Branca, representante do poder político, além dos objetivos específicos, tal atentado atingiu milhares de pessoas inocentes, alvos indiscriminados com o intuito de um maior impacto e repercussão de seus atos nas mídias internacionais.

Para o Direito Internacional, o terrorismo é considerado um crime anti-social e não um crime político, ou seja, a concessão de asilo para pessoas acusadas de praticar atos

⁴⁵ Ibid., p.4

⁴⁶ Ibid., p.4

terroristas está fora de questão; contudo uma extradição pode ser considerada no que se refere às práticas terroristas.

É possível identificar ações inimigas em três planos diferentes quando o assunto é terrorismo⁴⁷: Cenário Internacional, Cenário Interno e a Capacidade Material. Primeiramente, diante das alianças no cenário internacional é possível dividir o mundo em dois, o lado do “bem”, representado pelas listas do Departamento de Estado norte-americano o qual se compromete no combate ao terrorismo e o lado do “mal”, representado pelos terroristas e todos os Estados que os apoiam direta ou indiretamente.

Além disso, devido à imprevisibilidade das ações e das características não estabelecidas e padronizadas dos inimigos, os Governos permanecem em estados de alerta estabelecendo e delimitando fronteiras internas de guerra. Por fim, é possível determinar a capacidade material em países representantes do “eixo do mal” ou de seus aliados, possibilitando uma superpotência de demonstrar seu poderio através de seus arsenais bélicos convencionais e suas tecnologias militares avançadas.

Dessa forma, cabe destacar que

[...] a intenção de suscitar reações emocionais como ansiedade, incerteza ou amedrontamento entre os que formam parte de um determinado agregado da população, de maneira que resulte factível condicionar suas atitudes e dirigir os seus comportamentos numa direção determinada, prima nos atos terroristas sobre o desejo de causar danos tangíveis a pessoas ou coisas.⁴⁸

O terrorismo é, então, uma forma de violência que atinge diretamente o psicológico da nação gerando o pânico através de atos de violência provocados pela força. Os atos terroristas podem ser classificados em três níveis: Nível Tático, Nível Estratégico e Nível Político⁴⁹.

O nível tático refere-se ao ataque propriamente dito com o objetivo de provocar o maior dano possível e maior visibilidade e divulgação de seus atos. Utiliza-se de todos os meios e tipos de armamentos com o intuito de demonstrar que suas ações não têm limites nem fronteiras.

⁴⁷SAINT- PIERRE, Héctor Luis. **Fertilidade heurística da abordagem vitimológica para a análise do terrorismo**.p.3. Disponível em<http://www.academia.edu/5618420/TERRORISMO_FERTILIDADE_HEUR%C3%8DSTICA_DA_ABORDAGEM_VITIMOL%C3%93GICA_PARA_A_ANALISE_DO_TERRORISMO> Acesso em 27.out.2015

⁴⁸Reinares, F.: Terrorismo y Antiterrorismo, Barcelona, Ediciones Paidós Ibérica, 1998, p. 16

⁴⁹SAINT- PIERRE, Op. Cit., p.8

Já no nível estratégico, o terrorismo praticado não almeja a vitória propriamente dita da guerra, muito menos a imposição do vencedor, mas sim a comoção social, o pânico, o terror e a sensação de vulnerabilidade da população.

Por fim, no nível político, os grupos de terroristas impõem apenas suas vontades negativas como a desestabilização do inimigo e não sua vontade soberana, sendo, portanto difícil compreender e definir o ato terrorista pela sua finalidade política.

Em relação às vítimas dos atos terroristas podemos classificá-las dentro de três níveis, o tático, o estratégico e o político⁵⁰. A vítima tática é aquela reconhecida por ter sido atingida pela violência diretamente, seja por características específicas ou por escolha aleatória.

As vítimas estratégicas são todos os sobreviventes do ato terrorista, mas que de forma indireta pertencem aos vitimados devido ao pânico gerado por tal. Já a vítima política são todos os Estados que ao invés de transmitirem segurança a nação, são atingidos diretamente e passam a gerar o terror, pânico e a sensação de vulnerabilidade.

É possível notar, então, que a maior vítima dos atentados e os alvos especiais são os que sobrevivem a estas ações, são os que se sentem indefesos, oprimidos, inseguros e vulneráveis as próximas ações terroristas.

Em função dos critérios estipulados, o terrorismo o mesmo pode ser classificado em discriminado ou sistemático, e ainda em indiscriminado ou aleatório⁵¹. No que se refere-se ao primeiro, as vítimas são escolhidas de forma identificada, ou seja, é possível discriminar o inimigo, tornando nítido o alvo em questão, gerando o terror e o medo. Suas ações são precisas, resultando em campos de inimizados e amizados o que faz com que a população seja obrigada a escolher sua posição.

Já em relação ao segundo, suas vítimas são aleatórias e indiscriminadas, procuram atingir o maior número de pessoas em um único ato, executado na maioria das vezes á luz do dia, quando há uma maior concentração de pessoas, como foi o caso dos atentados de 11 de setembro as Torres Gêmeas e ao Pentágono. A principal característica desse terrorismo é se basear nos atos aleatórios e na espetacularidade e previsibilidade do atentado, tornando todos suspeitos. A população sente-se abandonada, frustrada, vulnerável e aterrorizada diante de tal terrorismo, o qual atinge diretamente o Estado se seu poderio, tornando-o desprovido de ação em relação ao poder de garantir a segurança e o bem-estar nacional.

Inúmeras medidas devem ser adotadas com o intuito de prevenir ações terroristas no mundo, como por exemplo, restringir em determinadas ocasiões o direito de privacidade e

⁵⁰SAINT- PIERRE, Op. Cit., p.10

⁵¹Ibid., p.13

liberdade individual, maior controle em aeroportos e alfândegas, vigilância em transações financeiras, internet, telecomunicações internacionais, laboratórios e centros de pesquisas em física nuclear e microbiologia, assim como contar com a ajuda e compreensão da ONU no combate aos Estados que financiam ou ajudam de inúmeras maneiras os terroristas.

Nesse sentido a Organização do Sistema das Nações Unidas, juntamente com o Conselho de Segurança e o Comitê Antiterrorismo, intensificaram a luta contra as ações terroristas, adotando medidas de salvaguarda para impedir e tornar o crime o financiamento do terrorismo assim como conter e congelar os produtos financeiros de tal.

Além disso, a preocupação com as armas de destruição em massa sob o domínio de agentes não- estatais fez com que a Assembléia Geral da ONU adotasse medidas para conter os terroristas de conseguirem e lançarem tais armas. Em 2004 o Conselho de Segurança publicou medidas de precaução para obrigar os Estados a interromperem os apoios aos agentes não- estatais no desenvolvimento, aquisição, posse, transporte, transferência ou uso de armas nucleares, biológicas e químicas, através da Convenção Internacional para a Supressão de Atos de Terrorismo Nuclear.

A UNODC, Escritório das Nações Unidas contra Drogas e Crime, tem como função combater ações de tráfico de drogas, crime organizado e o terrorismo internacional⁵². Através do Projeto Global contra o Terrorismo, a UNODC lançou programas de cooperação técnica com o objetivo de enraizar o combate legal contra o terrorismo internacional.

No aspecto jurídico, a ONU age em cooperação com os seus órgãos, como a Organização da Aviação Civil Internacional, a Organização Marítima Internacional e a Agência Internacional de Engenharia Atômica, com a finalidade de estabelecer acordos internacionais no combate do terrorismo.

A esse respeito, a Assembléia Geral lançou uma Estratégia Antiterrorismo Global da ONU, cuja base fundamental são as ações injustificáveis do ato terrorista, estabelecendo inúmeras maneiras de combate ao terrorismo tanto internacional como nacional e regional:

Atos criminosos pretendidos ou calculados para provocar um estado de terror no público em geral, num grupo de pessoas ou indivíduos para fins políticos as injustificáveis em qualquer circunstância, independente das considerações de ordem política, filosófica, ideológica, racial, étnica, religiosa ou de qualquer outra natureza que possam ser invocadas para justificá-las.⁵³

⁵²NAÇÕES UNIDAS. **A ONU e o terrorismo**. Disponível em: <<http://nacoesunidas.org/acao/terrorismo/>> Acesso em: 13 out.2015.

⁵³NAÇÕES UNIDAS. Declaração sobre Medidas para Eliminar o Terrorismo Internacional (Resolução 49/60 da Assembléia Geral, p.3)

Em complemento, o então secretário da ONU, Kofi Annan, afirmou que o poder de força isoladamente não é capaz de derrotar o terrorismo e a causa de tais atos está ligada diretamente as condições socioeconômicas e aos conflitos da sociedade atual, aumentando as possibilidades de crescimento do terrorismo internacional⁵⁴.

A seguir será possível esclarecer como o terrorismo influenciou a agenda de segurança e política nos Governos Bush e Obama, assim como apresentar as diferenças e proximidades nas ações de governo.

⁵⁴MAZETTO, Francisco de Assis Penteadó. **O terrorismo na história.** p.12 Disponível em:<<http://www.ecsbdefesa.com.br/fts/Terrorismo.pdf>> Acesso em: 27 out.2015

4 TERRORISMO E A POLÍTICA DE SEGURANÇA NORTE-AMERICANA

Em 1990, na primeira crise pós-guerra Fria, os Estados Unidos, sob governança de George H. W. Bush, começam a delinear o que seria a relação com o Oriente Médio nas próximas décadas. Em Bagdá, capital do Iraque, o então presidente Saddam Hussein envia suas tropas para o Kuwait na tentativa de se alcançar uma resolução pacífica para o conflito, no intuito de tomar os poços de petróleo da Cidade do Kuwait por estar perdendo espaço na comercialização do produto. A ONU emitiu um comunicado para a retirada das tropas iraquianas do território kuaitiano. Paralelamente os EUA reuniram forças para uma ação militar com outros países como, Grã-Bretanha, França, Egito, Síria e Arábia Saudita. Tanto a China quanto a antiga União Soviética não usaram de seus vetos como membros permanentes no Conselho de Segurança da ONU⁵⁵ para apoiar a intervenção no Iraque⁵⁶.

Em 1991, é autorizada a intervenção militar ao território do Kuwait dominado pelo Iraque. A esse respeito, NYE defende o ponto de vista de que Saddam Hussein se preocupava com a segurança de seu país e acreditava ser o único capaz de deter os americanos e israelenses após a queda da União Soviética. Hussein anunciou a retirada de sua tropa do território, porém não abdicou do poder frente a seu país.⁵⁷

Bush não conseguiu a reeleição em 1992, e viu Bill Clinton, do Partido Democrata assumir a presidência do país. Clinton, no âmbito internacional tinha como prioridade oNAFTA⁵⁸, mediar os conflitos na Irlanda do Norte e entre Israel e Palestina.

No ano de 1993, em Oslo, na Noruega, Clinton se reuniu com governantes israelenses e autoridades da OLP (Organização para a Libertação da Palestina) com o intuito de estreitar relações de paz entre os dois povos. Israel reconheceu a autonomia da OLP, as tropas israelenses foram retiradas da Faixa de Gaza⁵⁹ e das margens ocidentais.⁶⁰

⁵⁵ O Conselho de Segurança da ONU é composto pela China, Estados Unidos, Rússia, Grã-Bretanha e França (membros permanentes), têm o poder legal de fazer uso da força.

⁵⁶ NYE, Joseph. *Cooperação e conflito nas relações internacionais*. São Paulo, Editora Gente, 2009, p.216

⁵⁷ *Ibid.*, pp.231-232

⁵⁸ Bloco econômico formado por Estados Unidos, Canadá e México em atividade desde 1994.

⁵⁹ Território palestino que faz fronteira com Israel.

⁶⁰ NYE, Op. Cit., pp.227-228

Em dezembro de 1994 Clinton propõe a criação da ALCA (Área de Livre Comércio das Américas), da qual 34 estados-membros fariam parte, exceto Cuba devido ao embargo econômico que perdurou entre os países até o início do ano de 2015.

O segundo mandato de Clinton, iniciado em 1996, chegou ao fim em janeiro de 2001, sucedido pelo polêmico governo de George W. Bush.

4.1 TERRORISMO NA POLÍTICA EXTERNA DOS GOVERNOS BUSH E OBAMA: DIFERENÇAS E PROXIMIDADES

Durante a Guerra Fria, os Estados Unidos lutavam para combater os comunistas e expandir suas milícias para qualquer região que ameaçasse seus ideais de liberdade democrática. Com o fim da Guerra Fria, e o fim da União Soviética, o comunismo deixou de ser a justificativa plausível dos Estados Unidos para suas ações militares.

Nesse sentido, o surgimento de novos inimigos como o terrorismo, o narcotráfico e as instabilidades do terceiro mundo, tornaram-se ameaças para a paz e estabilidade mundial, exigindo que os norte-americanos aperfeiçoassem suas milícias e armamentos, focando sua política externa nas questões expansionistas e intervencionistas, baseadas em um unilateralismo constante⁶¹.

A guerra continua a definir a política externa norte-americana, baseada em uma ação de legítima defesa, abordando questões de como, quando e se devem interferir em assuntos de outros Estados. O intervencionismo norte-americano é influenciado por duas correntes doutrinárias⁶²: a realista, através da qual os Estados Unidos agem em defesa e promoção de seus interesses e a idealista, pela qual transmitem seus valores e ideários democráticos para o restante do mundo com o intuito de promover a segurança global. É, portanto, baseado nessas doutrinas que o governo norte-americano declara e legitima as inúmeras guerras travadas, deixando claro para o mundo que a democracia e a guerra caminham juntas nos assuntos de política externa americana.

⁶¹ MUNHOZ, Sidnei J, **Dilemas da Política Externa e da Estratégia Militar dos Estados Unidos Durante os Governos de George W. Bush**, Caderno do Tempo Presente, Edição n. 7, 7 de abril de 2012, p. 2. Disponível em <file:///C:/Users/Usuario/Downloads/2603-7872-1-PB.pdf> Acesso em: 04 nov. 2015

⁶² HENDLER, Bruno, **O governo Obama e a mudança nos parâmetros definidores da política externa norte-americana: uma análise contemporânea a partir das raízes sociológicas dos Estados Unidos**. p.2. Disponível em: <http://mundorama.net/2011/04/14/o-governo-obama-e-a-mudanca-nos-parametros-definidores-da-politica-externa-norte-americana-uma-analise-contemporanea-a-partir-das-raizes-sociologicas-dos-estados-unidos-por-bruno-hendler/> Acesso em: 31 out.2012

Dessa forma, os Estados Unidos passaram a reinar sozinhos em um mundo unipolar, “assumindo a responsabilidade” de gerar estabilidade e promover a paz e a segurança nas relações internacionais. Em um dos discursos promovidos por Bush em seu governo, ele enfatiza a obrigação e a responsabilidade do governo norte-americano com o mundo, de promover a segurança e estabilidade assim como de garantir os direitos civilizatórios da democracia e liberdade:

Eu viverei e liderarei por esses princípios: para promover minhas convicções com civilidade, para perseguir o interesse público com coragem, para falar por maior justiça e compaixão, e chamar pela responsabilidade e tentar vivê-la como esperado. Em todas essas passagens, eu levarei os valores de nossa história para a atenção de nossos tempos. (BUSH, 2001)⁶³

Durante as eleições presidenciais de 2000, W. Bush, defensor dos neoconservadores, confirma medidas de recuperação do poder e dos princípios morais da nação, contudo tanto internamente quanto internacionalmente poucos eram os que acreditavam e apostavam nessas novas medidas e mudanças na política estadunidense⁶⁴.

A posse de George W. Bush em 2001 começou diante de um cenário de baixa popularidade devido à insatisfação da nação com as novas medidas. O então presidente retirou o apoio ao Tribunal Criminal Internacional e se recusou a assinar o Protocolo de Kyoto⁶⁵, medidas destoantes para um dos países mais influentes do cenário internacional. Porém, para Argemiro Ferreiro em “O Império contra-ataca” o governo de Bush só começou após o 11 de setembro.

Os ataques terroristas realizados pela Al- Qaeda⁶⁶, sob o comando de Osama Bin Laden no ano de 2001, na cidade de Nova York, se tornaram um marco global e fizeram a política externa do então presidente mudar. Reforçando o pensamento nacionalista, visão militarista na política externa de Bush filho. Assim, “lutar contra o terrorismo tornou-se a principal preocupação da administração”.⁶⁷

Com os atentados de 11 de setembro, o governo e a nação estadunidenses, juntamente com o mundo, sentiram-se ameaçados, vulneráveis e fragilizados diante de tamanha

⁶³ LEITE, Op. Cit., p. 42

⁶⁴ PECEQUILO, Cristina Soreanu, **Estados Unidos: presente e desafios**, Fundação Alexandre de Gusmão, Rio de Janeiro, 13 de julho de 2007. Disponível em: <http://www.funag.gov.br/biblioteca/dmdocuments/Estados_unidos_%20presentes_e_desafios.pdf> Acesso em: 31out.2015

⁶⁵ Medida tomada na tentativa de conter os gases poluentes na atmosfera.

⁶⁶ Organização islâmica que visa propagar o islamismo e reduzir a influência de não- islâmicos; responsável por diversos ataques as civis e militares.

⁶⁷ NEY, Op. Cit., p. 233

crueidade, ameaça esta não mais estatal, mas sim global, alterando a dignidade humana para uma nova estratégia de governo.

Diante desse cenário de vulnerabilidade, o governo norte-americano procurou atingir um consenso tanto social quanto nacional através de iniciativas políticas e do uso do medo implantado na batalha multidimensional que se fortalecia contra o novo inimigo, o terrorismo transnacionalizado⁶⁸:

Esse inimigo não se identifica como nenhum Estado, não tem território e não estabelece nenhum tipo de complementaridade econômica com seu adversário. Aceitar sua existência, nessas condições, significa entrar em uma guerra na qual os EUA definem, a cada momento e da forma mais conveniente, quem é e onde está o rival, perpetuando uma guerra que será cada vez mais extensa.⁶⁹

Com relação aos atentados, os Estados Unidos adotaram uma postura de extrema agressividade, adotando um imperialismo militar frenético com a intenção de dominar o mundo, enfraquecendo, portanto, sua postura de ideário democrático.

Ao mesmo tempo a adoção e imposição norte-americana ao emprego do uso da força no Governo Bush passou a depender da cooperação e das alianças no Sistema Internacional, superestimando sua capacidade de agir por si só em busca de seus objetivos. Fica claro, portanto, o raciocínio de que se não houver segurança e liberdade para todos no mundo, não haverá, portanto para a nação norte-americana⁷⁰.

Assim, a Teoria Realista é um recurso importante para explicar a busca constante pelo poder, pois o Estado se torna o principal ator das Relações Internacionais e, conseqüentemente, detém o poder, gerando uma assimetria de forças na agenda de segurança norte-americana. Para os Realistas o Estado está no centro das decisões e atua servindo ao interesse nacional. O poder citado acima é tido como instrumento pelo qual os Estados garantem a sua sobrevivência através de estratégias de segurança para impedir que sua soberania seja ameaçada no cenário internacional. O Estado deve ser definido, então, a partir de sua capacidade de monopolizar a força coercitiva, ou seja, o poder interno sem o qual não há ordem.

Nesse caso dos EUA, como medida interna foram estabelecidos o endurecimento da política doméstica, a restrição da liberdade através do Ato Patriota, que possibilitava, através do governo, investigações aos cidadãos a partir de práticas invasivas, a criação do

⁶⁸ PECEQUILLO, Op. Cit., p.37

⁶⁹ Ibid., p. 42

⁷⁰ MUNHOZ, Op. Cit., p.7

Departamento de Segurança Doméstica e maiores investimentos nos departamentos da CIA e do FBI. Entretanto, os defensores do Ato Patriótico afirmam que tais medidas são invasivas e violam a segurança nacional do país, já outros afirmam que a total liberdade cedida aos norte-americanos é capaz de desestabilizar a moral e a ordem social do país, possibilitando um avanço dos atos terroristas⁷¹.

Além do Ato Patriótico, duas medidas foram lançadas pelo governo dos Estados Unidos como tentativas de combater o terrorismo⁷²: O Total Information Awareness (TIA), responsável por estabelecer um sistema de vigilância entre o setor privado e o governo, e o Terrorism Information and Prevention Systems (TIPS), responsável por criar uma linha especial com o intuito de aumentar a fiscalização para as denúncias e relatos dos possíveis atos terroristas. Contudo, críticas foram lançadas a respeito desse sistema, já que havia a possibilidade de o mesmo levantar denúncias e informações falsas.

Já no âmbito internacional, os EUA procuraram estabelecer uma guerra contra os que desejavam desestruturar seu poder. Com o apoio das Nações Unidas e da comunidade internacional decretaram guerra ao Estado patrocinador do regime da Al- Qaeda⁷³. Como resposta aos ataques, as Força Especiais americanas fizeram uma intervenção no Afeganistão, partindo do princípio que o único caminho para se alcançar a paz é através da guerra, para derrubar o governo fundamentalista Talibã⁷⁴, o qual abrigou os terroristas da Al- Qaeda.

Quando a administração Bush declarou guerra ao Iraque, os aliados da OTAN (Organização do Tratado do Atlântico Norte) e o apoio internacional diminuíram. O que os Estados Unidos chamavam de uma ação preventiva, os demais países viam como preventiva, já que não viam o Iraque como um risco eminente.⁷⁵

Dessa forma o mundo ficou dividido entre bem e mal, amigo e inimigo⁷⁶. No que se refere ao bem e aos amigos inclui-se a noção de alianças, que são todos aqueles que aprovam, compartilham e entendem a necessidade estadunidense de intervenção, ou seja, são todos os que através do sentimento de compaixão e comoção permanecem ao lado da nação norte-americana; os que se classificam como mal e inimigos, estão representados por todos os

⁷¹ PECEQUILO, Op. Cit., p.38

⁷² TORRES, Luísa Fernanda Turbino, **Políticas de segurança nacional para o combate ao terrorismo internacional nos Estados Unidos da América**: reformas e reafirmações do governo Obama.p.5. Disponível em:<<http://www.ufrgs.br/sicp/files/2015/09/TURBINO-Pol%C3%ADticas-de-seguran%C3%A7a-nacional-para-o-combate-ao-terrorismo-internacional-nos-Estados-Unidos-da-Am%C3%A9rica.pdf>> Acesso em: 04 nov.2015

⁷³ PECEQUILO, Op. Cit., p.38

⁷⁴ Movimento islâmico defendido no Afeganistão e Paquistão.

⁷⁵ NYE, Op. Cit., p. 233

⁷⁶ Leite, Lucas Amaral Batista, **George W. Bush e a construção do inimigo na guerra ao terror**, Fronteira, Belo Horizonte, v.8, n.16, 2º sem. 2009, p. 43. Disponível em <<file:///C:/Users/Usuario/Downloads/3861-15454-1-SM.pdf>> Acesso em 04. Nov. 2015

terroristas que promovem a maldade e afrontam a paz e a segurança, ameaçando a nação norte-americana e seus aliados.

Nesse sentido, o presidente Bush conceitua o “Eixo do Mal”:

Estados como esses, e seus aliados terroristas, constituem um eixo do mal, que se arama para ameaçar a paz no mundo. Ao procurar armas de destruição em massa, esses regimes colocam um grande e crescente perigo. Eles poderiam promover armas e esses terroristas, dando-lhes os meios necessários que condizem com seu ódio. Eles poderiam atacar nossos aliados ou tentar chantagear os Estados Unidos. Em qualquer um desses casos, o preço da indiferença poderia ser catastrófico. (BUSH, 2002)⁷⁷

Mesmo sem o apoio internacional e sem o Conselho de Segurança da ONU autorizar, Bush reforçou a imagem unilateral do país e iniciou uma intervenção em março de 2003, no Iraque, sob a “Doutrina Bush”⁷⁸, na tentativa de capturar Saddam Hussein, alegando que este poderia fornecer armas de destruição em massa que colocavam em risco o país e seus aliados: Tal ação liderada pelos EUA “desrespeitou a maior instância decisória, o sistema internacional e provou o total desrespeito americano pelos rumos que a comunidade internacional julga serem corretos”.⁷⁹

A Doutrina Bush baseou-se em dois princípios como justificativas de suas ações: a legitimidade da defesa preventiva e o fortalecimento da democratização dos Estados baseado nas alianças e cooperações no combate ao terrorismo internacional⁸⁰. A estratégia global de combate ao terrorismo internacional adotada pelo Conselho de Segurança e pela Assembléia Geral da ONU ofereceu garantias e apoio ao argumento crucial exposto pelo governo norte-americano em relação à obrigação de cooperação entre as nações no combate ao terrorismo transnacionalizado, assim como o respaldo das mesmas em relação ao financiamento e abrigo das organizações terroristas.

Ao mesmo tempo, a resolução 1267, de 1999, também conhecida como Comitê de Sanções contra a Al-Qaeda, aprovada pelo Conselho de Segurança da ONU, atrelada á resolução 1368, de 2001, reconhece o direito de legítima defesa norte-americana com relação aos atentados ocorridos em 2001, oferecendo evidências que estabelecem conexões da rede

⁷⁷ LEITE, Op. Cit., p. 48

⁷⁸ Política adotada no governo Bush para “mobilizar os ‘verdadeiros americanos’ contra alguma força externa malévol e conta com um mundo que não reconhece a singularidade, a superioridade e o Destino Manifesto dos Estados Unidos” (HOBSBA WM, 2007, p.52)

⁷⁹ LIMA, Leonardo Perez, **Terrorismo, doutrina Bush e a estabilidade do sistema internacional**, 2005, p. 123

⁸⁰ WEISBERG, Tatiana, **Obama e Política Exterior: Novas Perspectivas para a Guerra contra o Terrorismo?** p.1. Disponível em <<http://mundorama.net/2008/11/10/obama-e-politica-externo-novas-perspectivas-para-a-guerra-contra-o-terrorismo-por-tatiana-waisberg/>> Acesso em 04. Nov. 2015

terrorista Al- Qaeda com o regime Talibã do Afeganistão. Legitimando- se, portanto, a intervenção dos Estados Unidos e da OTAN no Afeganistão em 2001⁸¹.

A Estratégia de Segurança dos Estados Unidos (National Security Strategy of the United States - NSS) de 2002, promovida pela doutrina Bush, estabeleceu o fórum de discussão de possíveis maneiras de intervenção norte-americana e outras nações. As principais características desse documento são: a distinção entre “fracos” e “falidos”, a classificação de determinados Estados como “eixo do mal”, o extermínio de patrocínio de determinadas nações aos terroristas, assim como a detenção e extermínio do uso de armas de destruição em massa pelos mesmos e a promoção de valores liberais democráticos para todos os que sofrem e são regidos por regimes déspotas e tirânicos⁸².

Conforme destacou George Bush,

Hoje o perigo mais grave ao terror, o mais grave perigo que afronta a América e o mundo são os regimes fora da lei, que procuram e possuem armas nucleares, químicas e biológicas. Esses regimes poderiam usar essas armas para chantagear, aterrorizar e praticar assassinatos em massa. Eles ainda poderiam ceder ou vender esses armamentos aos aliados dos terroristas, que poderiam usá-las sem a menor hesitação. (BUSH, 2003)⁸³

Em relação ao Iraque, desde o fim da Guerra Fria, o país já era considerado pelos neoconservadores um forte inimigo para nação norte-americana. Portanto a Guerra do Iraque foi, além das justificativas colocadas em pauta, uma oportunidade de restabelecer e conquistar um avanço territorial, os recursos energéticos e a expansão da democracia⁸⁴.

A esse respeito,

Para vender a guerra do Iraque a mídia e ao povo americano, [...] a Casa Branca moldou o debate em três frentes: as armas de destruição em massa de Hussein configuravam uma ameaça iminente (o quadro das ADMs); o povo do Iraque deveria ser libertado de um ditador cruel (o quadro da libertação); e Hussein patrocinava atividades terroristas (o quadro terrorista).⁸⁵

A resposta do presidente do Iraque frente à acusação americana de porte de armas de destruição em massa foi de não paralisação de seu enriquecimento de urânio para fins de

⁸¹ WEISBERG, Op. Cit., p. 3

⁸² Leite. Op. Cit., p.44

⁸³ Ibid., p. 45

⁸⁴ PECEQUILO, Op. Cit., p.40

⁸⁵ DAVIDISON apud LEITE, Op. Cit., p.47

utilização energética, segundo ele, tornando o Iraque um dos principais alvos da chamada “guerra ao terror”⁸⁶.

Porém, as infundadas acusações a respeito da posse de armas de destruição em massa, a demora e o prolongamento da Guerra ao Iraque, bem como o ressurgimento dos Talibãs no Afeganistão, colocava a presidência americana em xeque, já que os mesmos começavam a perder força na campanha eleitoral de 2004. Mesmo diante de tais circunstâncias, Bush conseguiu se reeleger através de uma minoria ainda atormentada sob a sensação de vulnerabilidade e medo de novos atentados⁸⁷. Não houve mudanças drásticas em relação aos princípios estratégicos da política norte-americanos, e sim pequenos ajustes táticos com o intuito de minimizar as proporcionalidades da crise americana.

Em 2006, Bush alertou o mundo sobre o seu interesse de investir no desenvolvimento de novas tecnologias e matrizes energéticas renováveis, pois, devido à crise no Iraque, os Estados Unidos tornaram-se reféns do fornecimento de petróleo.

Para dar continuidade a esse posicionamento, Bush visita o Brasil, e encontra com o presidente Lula, onde o Brasil e EUA selaram acordos bilaterais na área de desenvolvimento de pesquisas no campo energético e na criação de um mercado comum do etanol, fato histórico para ambas as diplomacias. Tal acordo tinha como objetivo reformular a matriz energética mundial, visando uma busca por energias renováveis e deixando para trás um ciclo baseado no petróleo como matéria prima de energia.

Segundo Pecequilo, os Estados Unidos, queriam através, de tais iniciativas mostrar que seriam capazes de tratar as questões ambientais (em pauta na ONU) e, assim, desviar a atenção do mundo das Guerras do Iraque e Afeganistão, bem como das tensões no Irã, deixando evidente que a real intenção com esse acordo era mostrar para o mundo sua liderança global a partir do campo energético⁸⁸.

Em especial na região da América Latina, a intenção era retomar a presença dos EUA através de parceria energética com o Brasil, além de parceria comercial e pacotes de ajuda econômica, o que, conseqüentemente, reduziria a influência de Hugo Chávez na América Latina, que, por seguir uma teoria diferente da realista empregada nos Estados Unidos, eram vistos como ameaça para os interesses norte-americanos.

Em 2007, com a pressão da população norte-americana acreditando que a guerra ao Iraque foi mais custosa do que beneficia o país, a administração Bush se viu obrigada a mudar

⁸⁶Leite, Op. Cit., p.51

⁸⁷ PECEQUILO, Op. Cit., p.41

⁸⁸ PECEQUILO, **Bush no Brasil**, 2007

de estratégia e “levou a alguma melhora na contenção das insurgências por parte dos militares em 2008”.⁸⁹

Ao se propor um balanço do cenário interno e externo da administração Bush, podemos concluir que, no cenário interno, prevaleceu o bipartidarismo, a polarização e a perda de identidade, reforçando o distanciamento entre os grupos políticos, religiosos, sociais e ideológicos. As transformações socioculturais e populacionais foram por sua vez, responsáveis pela alteração do eixo das forças e intensificando o declínio econômico norte-americano no cenário doméstico⁹⁰.

Já em relação ao cenário externo houve uma desestabilização hegemônica: os Estados Unidos perderam parte de sua hegemonia, credibilidade, legitimidade e estabilidade de poder nas relações internacionais. Utilizaram-se de ações preventivas e unilaterais com o intuito de garantir e promover a sua autodefesa, e através de Ensaio de Coalizão Anti- Hegemônica e Alianças de Geometrias Variáveis. Além disso, esforço em relação a uma possível reforma nas OIGs e do Conselho de Segurança da ONU marcou o cenário internacional pela deficiência de atualização, legitimidade e representatividade.

Sem capturar o grande responsável do atentado de 11 de setembro de 2001, o mandato George W. Bush chega ao fim em 2008.

Seu sucessor, Barack Obama, aposta em um discurso apaziguador: “Nós escolhemos a esperança sobre o medo”, durante a posse da presidência⁹¹, criando grandes expectativas por parte da sociedade civil e da comunidade internacional.

Dessa forma, o início do Governo de Barack Obama, em janeiro de 2009, foi marcado por muita paciência, ao invés do slogan democrata, mudança. Sua política externa prometia segurança, combate ao terrorismo, fechamento de Guantánamo (base norte-americana localizada na Baía de Guantánamo- Cuba, proposta essa que foi abandonada por Obama, após sofrer pressão da oposição no Congresso), guerras do Afeganistão e do Iraque. (PECEQUILO, 2010)⁹²

No que se refere a Guantánamo, Obama se comprometeu em fechar a detenção na Baía e proibir as práticas de torturas realizadas nos países, no prazo de no máximo um ano, entretanto isso não ocorreu. Em 2011, o presidente assinou o Ike Skelton National Defense

⁸⁹ NYE, Op. Cit., p. 234

⁹⁰ PECEQUILO, Op. Cit., p.44

⁹¹ **Veja a cronologia dos principais fatos do 1º mandato de Obama nos EUA.** Disponível em <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/01/veja-cronologia-dos-principais-fatos-do-1-mandato-de-obama-nos-eua.html>> Acesso em 16 de maio de 2014

⁹² PECEQUILO, **Barack Obama e o Desafio da Liderança**, 2010.

Authorization Act for Fiscal Year 2011, proibindo a transferência dos detentos para os Estados Unidos ou mesmo para outros países, colocando-se em uma situação conflituosa. Em 2012 através da assinatura do National Defense Authorization Act for Fical Year 2012, Obama reforçou a proibição de transferência dos mesmos.⁹³

Em relação à Guerra do Iraque, Obama afirma que além de todos os trilhões de dólares gastos, a nação norte-americana perdeu milhares de vidas, ou seja, essa guerra tornou-se mais custosa aos cofres norte-americanos do que trouxeram benefícios, diferente da Guerra do Afeganistão, a qual se tornou uma guerra de extrema importância e necessidade para acabar com o regime Talibã e Al-Qaeda. Em 2009, Obama enviou cerca de 30.000 mil soldados ao Afeganistão e se comprometeu a começar a retirada de todos no ano de 2011⁹⁴.

Com relação às inúmeras medidas de combate ao terrorismo uma delas se intensificou no governo de Obama, a utilização de Drones, tornando-se uma medida de rápida definição e de imediata utilização, diminuindo o número de soldados norte-americanos mortos. Contudo, a utilização de Drones no combate ao terrorismo coloca em pauta inúmeros questionamentos referentes à legitimidade, moralidade, responsabilidade e eficácia dos ataques⁹⁵.

No âmbito das relações internacionais, Obama e Hillary Clinton avançaram com seus interesses, dando prioridade às transformações e reestruturação de relações bilaterais e organizações multilaterais. Obama redefiniu a visão dos Estados Unidos com relação ao mundo, acrescentando novas medidas como a inclusão e ação multilateral para além das específicas voltadas diretamente ao terrorismo e a religiosidade⁹⁶.

Obama esperava, com isso, que os problemas entre o Islã e os Estados Unidos chegassem ao fim; a intenção era que o novo começo acabasse com as desconfianças entre ambos os países, baseado no respeito e nos interesses mútuos: “Enquanto nossas relações forem definidas por nossas divergências, daremos o poder aos que espalham o ódio antes da

⁹³ TORRES. Op., Cit., p. 7

⁹⁴ Ibid., p.8

⁹⁵ Ibid., p.10

⁹⁶ Missão Diplomática dos Estados Unidos no Brasil, **Obama elabora nova política externa durante primeiro ano na Casa Branca**. Disponível em: <http://portuguese.brazil.usembassy.gov/primeiro_ano.html> Acesso em: 31out. 2015

paz, aos que promovem o conflito ao invés da cooperação”⁹⁷. Em resposta Bin Laden, usa de sua influência para contestar as afirmações dadas pelo presidente⁹⁸.

No campo militar, diferente dos ex-presidentes dos EUA, Barack Obama destoou do padrão americano. Com uma postura mais “Soft Power”⁹⁹, privilegiou ações diplomáticas, como na Crise da Síria, destaque na agenda de segurança internacional, iniciada em 2011 através de grandes protestos populares que progrediam rapidamente para uma violenta revolta armada.

Dessa forma, Obama assumiu duas posturas contraditórias, uma militar e outra diplomática. Através da primeira, visando à segurança dos Estados Unidos e de seus aliados decretou atacar os Sírios, como uma resposta a uma possível utilização de armas químicas. Porém, através de um acordo entre os EUA- Rússia, partiu para o campo diplomático, com o intuito de eliminar as armas químicas na Síria.

Desde os anos 2000 no poder do governo sírio, Bashar al- Assad já se viu em outros conflitos contra os Estados Unidos, entretanto incluído no chamado “eixo do mal”¹⁰⁰. O governo norte-americano acusou o país de apoio ao terrorismo, impondo assim sanções econômicas ao país.

A utilização de armas químicas é um fator de risco, no qual impacta o planejamento de segurança dos Estados Unidos e seus aliados, e está diretamente ligada a “homeland security”¹⁰¹ norte-americana, pois caso esta venha a falhar no alerta antecipado de um atentado, centenas de pessoas serão lesadas.

A política de Obama, voltada a nível diplomático, sugere que a motivação primária de todo líder político é manter- se no poder, argumento fundamental na lógica de sobrevivência, ou seja, as decisões que não favoreçam a permanência do líder no poder provavelmente não serão implementadas. Essa mudança decisória foi embasada numa pesquisa de opinião pública e política, onde ambos se opuseram a uma ação militar na Síria.

⁹⁷ OBAMA, Pronunciamento na Universidade de Cairo, Egito, 2009

⁹⁸ <<http://g1.globo.com/Noticias/Mundo/0,,MUL1182300-5602,00-OBAMA+PEDE+FIM+DAS+DIVERGENCIAS+COM+MUCULMANOS+E+NOVO+COMECO.html>> Acesso em 16 de maio de 2014

⁹⁹ FERREIRA, Marcos Alan Fagner dos Santos. **Definições conceituais para o entendimento da política externa dos Estados Unidos**: As noções de poder duro (Hard Power) e poder brando (Soft Power)

¹⁰⁰ Expressão utilizada para se referir a países que os EUA acreditassem ter armas de destruição em massa e que apoiassem o terrorismo.

¹⁰¹ Departamento de Segurança Interna dos Estados Unidos

A postura decisória de Obama na política externa norte-americana apenas refletiu o tradicional comportamento das políticas externas dos Estados militarmente poderosos. Essa tradição foi citada na mensagem presidencial do State of the Union, em janeiro de 2014:

American diplomacy, backed by the threat of forces, is why Syria's chemical weapons are being eliminated. And we will continue to work with the international community to usher in the future the Syrian people deserve- a future free of dictatorship, terror and fear. (OBAMA, 2014)¹⁰²

Depois de ter sido capturado em 2003, ainda sob a Doutrina Bush, Saddam Hussein foi julgado e condenado em 2005 e executado em 2006. A caça a Osama Bin Laden chegou ao fim, com a missão “Operação Lança de Netuno”, não sem antes exigir muito esforço do governo norte-americano e de suas tropas, iniciado por Bush, desde os atentados em setembro de 2001. Assim, em dois de maio de 2011, sob o governo de Obama a caçada chega ao fim. Bin Laden foi morto pelas Forças Americanas, em sua casa no Paquistão, fato que, para alguns estudiosos, influi na reeleição de Obama contra Romney.

Aqui, cabe observar que:

[...] a morte de Osama Bin Laden foi uma grande vitória política para Barack Obama. Obama assumiu a presidência dos Estados Unidos em um momento complexo, com duas guerras sendo conduzidas no exterior, as consequências de uma crise econômica bastante presentes e a crescente dívida pública estadunidense. Nas eleições contra John McCain, Obama era visto como fraco em assuntos de segurança nacional. Quem diria que seria o presidente responsável pela morte de Bin Laden?¹⁰³

A respeito das eleições de 2012, é seguro dizer que tratar adequadamente os problemas internacionais norte-americano pode representar a diferença entre o sucesso e o fracasso nas eleições presidenciais.¹⁰⁴

É possível evidenciar a diferença do governo Bush em relação ao de Obama principalmente em relação análise das abordagens dos problemas: enquanto Obama possui uma abordagem menos ideológica, com a intenção de transmitir tranquilidade aos seus

¹⁰² PECEQUILO, *Os Estados Unidos e o Século XXI*, 2014

¹⁰³ JORGE, Bernardo, *O Papel das Forças de Operações Especiais na morte de Osama bin Laden*. 2011

¹⁰⁴ RICKS apud MENDONÇA, Gustavo Resende. *A Tradição Conservadora de Política Externa: Perspectivas para as Eleições Presidenciais de 2012*. Disponível em: <<http://mundorama.net/2012/02/13/a-tradicao-conservadora-de-politica-externa-perspectivas-para-as-eleicoes-presidenciais-de-2012-por-gustavo-resende-mendonca/>> Acesso em: 26.nov.2015

opponentes, reforçando a conduta de cooperação e alianças, Bush procura classificá-los em grupos do bem ou do mal¹⁰⁵.

Mitt Romney se candidatou à presidência em 2012, como favorito pelo partido republicano, concorrendo com Barack Obama, que disputava sua reeleição.

Romney baseava-se no programa de política externa conhecida como An American Century (um século americano) no qual se aproximava significativamente das propostas neoconservadoras aplicadas na gestão Bush. A continuidade estava presente, por exemplo, na equipe de assessores internacionais: dos vinte e dois membros quinze fizeram parte da gestão Bush e outros seis estavam ligados ao grupo neoconservador “Project for a New American Century”.¹⁰⁶

Os valores tradicionais da política externa conservadoras podem ser compreendidos como um resultado de um processo de aceitação do intervencionismo e do nacionalismo como valores centrais nas relações internacionais norte-americanas¹⁰⁷. Embora os valores tradicionais sejam o centro da tradição conservadora, sua aceitação por parte do Partido Republicano não é totalitária. Os republicanos defendem duas correntes de pensamento menores que definem a política externa do partido: o isolacionismo e o realismo.¹⁰⁸

Sem muita experiência em assuntos internacionais, em 2012 Romney defendeu temas polêmicos, como a duplicação da prisão de Guantánamo, o uso da tortura para obtenção de informações na Guerra contra o terror e o aumento, de cerca de US\$ 30 bilhões, no orçamento das forças armadas. Portanto, o candidato defendia que os EUA deveriam seguir a postura de Israel e não liderar o processo de paz. Definiu o Irã como uma nação suicida e apoio sanções e operações secretas para deter o programa nuclear iraniano. Quanto ao Afeganistão, disse apoiar a retirada das tropas norte-americanas do país, mas era contrário à imigração, apoiando a construção de barreiras nas fronteiras com o país vizinho, o México. Muitas destas propostas divergem das de Obama, tanto na primeira quanto na segunda corrida presidencial. Assim, Romney perdeu as eleições e viu Barack Obama ser reeleito.

Os principais desafios enfrentados por Obama em seu segundo mandato estão relacionados à economia instável: os EUA ainda estão em recuperação da pior crise enfrentada pelo país nos últimos tempos, o abismo fiscal e o déficit orçamentário, os custos

¹⁰⁵ Missão Diplomática dos Estados Unidos no Brasil, **Obama elabora nova política externa durante primeiro ano na Casa Branca**, p. 2. Disponível em <http://portuguese.brazil.usembassy.gov/primeiro_ano.html> Acesso em 31. Out. 2015

¹⁰⁶ SARKISIAN apud MENDONÇA, Op. Cit., p.4

¹⁰⁷ DUECK apud MENDONÇA, Op. Cit., p.1

¹⁰⁸ DUECK apud MENDONÇA, Op. Cit., p.2

do programa de saúde americano, o Medicare, a atuação com o Congresso e os problemas com o Irã¹⁰⁹. Enquanto o Irã quer afastar os EUA do Afeganistão, o país norte-americano que garantir que este não volte a desenvolver armas nucleares¹¹⁰.

O segundo mandato de Obama termina no final de 2016; suas decisões políticas geram e gerarão reflexos nas políticas de outros países até lá. Para Nye, é necessário que haja entendimento tanto das perspectivas realistas quanto das liberais para se compreender a política externa. Brandão, por sua vez, parte do princípio que “o tempo fará um julgamento mais preciso da ação americana e das forças da coalizão no Iraque, porém é certo dizer, neste momento, que a missão ainda está longe de ter sido cumprida como afirmou o presidente Barack Obama, em 2011”¹¹¹. Ainda, Lima defende que usar de ataques para combater o terrorismo e suas possíveis ameaças foi equivocado, já que o terrorismo trouxe mais instabilidade e insegurança.

Desse modo, segundo Pecequillo, a eleição de Obama deve ser compreendida como um fato histórico por diversos fatores, entre eles pelo fato de ser o primeiro presidente afro-americano e pelo fato da gravidade da crise norte-americana assim como pelas operações militares nas quais o país estava envolvido.

Uma das grandes preocupações do governo Obama foi com relação a mostrar a comunidade internacional seu compromisso com o multilateralismo, as novas potências emergentes, os parceiros tradicionais e principalmente a renovação da inserção do país em outros continentes.

Portanto do unilateralismo imposto por Bush, Obama busca o multilateralismo constante nas relações com os demais países, ou seja, o uso da diplomacia se fortalece nos meios decisórios ao invés da imposição da força com relação às tentativas de convencer e obter um consenso, afirmando o novo segredo pacifista da política Obama¹¹².

Obama procurou deixar claro no momento de sua posse, reafirmando inúmeras vezes, as dificuldades que o país estava vivenciando, assim como a necessidade de uma união nacional. Assim, completou seu primeiro ano de governo pressionado pela sombra das

¹⁰⁹<http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2012/11/121107_usa2012_desafios_ac.shtml> Acesso em: 15.nov.2015

¹¹⁰<http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2012/11/121107_usa2012_desafios_ac.shtml> Acesso em: 18.maio.2014

¹¹¹ BRANDÃO, Gersony A. **Guerra no Iraque: princípio e meio, sem fim**, 2012.

¹¹² ITURBE, Alejandro, **Do “Novo Século Americano” de Bush a nova tática política de Obama**. Tradução Marcos Margarido, *Marxismo Vivo*, n° 22, 2009, p.33. Disponível em:<<https://www.archivoleontrotsky.org/download.php?mfn=9085>> Acesso em: 04.nov. 2015

eleições legislativas de mandado de 2010 e de sua própria reeleição de 2012, pressionado também por um sentimento de desconfiança e frustração dentro e fora da casa, devido à tomada de decisões cautelosas e a lentidão nas ações, prejudicando seus índices de popularidade.

A Crise na Síria tomou frente no segundo mandato de Obama. Manifestantes Sírios lutam desde 2011 por democracia, liberdade e reformas legislativas no país¹¹³. Os combates entre opositores e o governo ganharam força e repercussão, atraindo jihadistas de outros países, transformando a Síria em um campo de guerra civil, e Bashar Al- Assad, no poder desde 2000, utiliza-se do uso da força para conter as manifestações, contudo o poder se fortificou com os desertores do exército do governo, os quais criaram um Exército Livre Sírio.

Cabe destacar também que um dos maiores problemas enfrentados pelo governo Sírio e pela comunidade internacional são os refugiados, que diante do cenário de instabilidade no governo e a guerra no país, estão se deslocando e procurando abrigo em outros países, ou seja, a crise da Síria tornou-se global, multifacetada, exigindo esforços de várias nações¹¹⁴.

Outro problema no conflito sírio é o grupo terrorista autodenominado Estado Islâmico, o qual ganhou força através da globalização e conseguiu atrair inúmeros indivíduos estrangeiros para o grupo, tornando-se uma ameaça para a comunidade internacional. Através de sua ideologia, tem como objetivo introduzir a lei islâmica no mundo¹¹⁵.

A estratégia norte-americana do governo Obama na Síria é composta pela retirada de Bashar- Al Assad do poder, pela realização de uma campanha aérea com o intuito de reduzir o poder ofensivo do Estado Islâmico e pelo auxílio aos rebeldes sírios, contudo isso ainda está em vigor¹¹⁶.

Diante das abordagens em relação ao terrorismo e aos governos Bush e Obama, podemos concluir que a guerra continua a nortear os governos norte-americanos, contudo sua ênfase nos mandatos dos presidentes Bush e Obama são claramente diferenciadas. Enquanto o primeiro utiliza-se de uma ação unilateral e de cunho preventivo através de ações extremistas e de agressão, Obama adota uma postura de cunho pacifista e de alianças e cooperações no sistema internacional.

¹¹³ **A Rússia na Síria:** aspectos políticos e estratégicos, p.1. Disponível em <<http://mundorama.net/2015/11/01/a-russia-na-siria-aspectos-politicos-e-estrategicos-por-antonio-henrique-lucena-silva-e-marco-tulio-delgobbo-freitas/>> Acesso em: 15.nov. 2015.

¹¹⁴ Ibid., p.1.

¹¹⁵ Ibid., p.4

¹¹⁶ Ibid., p.4

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de todo o estudo apresentado, como o terrorismo define a agenda de segurança e política dos governos norte-americanos nos mandatos Bush e Obama?

O objetivo dos atos terroristas é atingir o maior número possível de vítimas, as quais sobrevivem e passam a viver diante da sensação de vulnerabilidade e insegurança. Portanto, o terrorismo define as agendas de segurança e política dos governos norte-americanos através do medo, da desestabilização econômica, política, diplomática e militar. A guerra define a política externa norte-americana através do intervencionismo norte-americano, baseado na doutrina realista e idealista, deixando claro ambas caminham juntas nos assuntos de política externa americana.

O presente trabalho refletiu em seu primeiro capítulo, o surgimento das relações Internacionais como objeto de estudo e disciplina, assim como a importância da Teoria Realista para compreender e analisar as tomadas de decisões políticas norte-americanas.

A realidade das relações internacionais pode ser dividida em dois grupos de análise: O primeiro engloba aspectos amplos da vida em sociedade, como cooperações e conflitos, os quais podem assumir a condição de objeto de análise das Relações Internacionais¹¹⁷. São exemplos a paz e guerra, armas nucleares e desarmamentos, imperialismo e nacionalismo, relações assimétricas entre nações ricas e pobres, preservação ambiental, defesa dos direitos humanos, combate ao narcotráfico e ao terrorismo internacional, defesa dos direitos humanos, influências religiosas, organizações internacionais, processos de integração regional, formação e fragmentação do Estado, comércio, raça, desenvolvimento e transferência de tecnologias e a globalização.

O segundo grupo engloba interesses de cada Estado, os quais são concebidos como resultado das relações diplomáticas, militares e estratégicas dos Estados, ou seja, as relações internacionais são resultado das relações entre os Estados.

Como disciplina, as Relações Internacionais surgiram após a Primeira Guerra Mundial, com o objetivo de superar e conter os novos problemas no cenário internacional, como a expansão da economia internacional e o surgimento de novas potências. Para explicar a realidade do mundo, assim como esclarecê-las surge a Teoria de Relações Internacionais. Diversos instrumentos teórico-conceituais foram anexados na disciplina, produzindo diferentes análises as quais são implementadas pela livre escolha do analista.

¹¹⁷GONÇALVES, Op. Cit., p.10

A teoria Realista é essencial para demonstrar como o poder detido pelos Estados gera uma assimetria de forças na agenda de segurança global. Para corrente realista o direito e a ordem internacional são obtidos a partir da correlação de forças entre os Estados, ou seja, pelas relações entre aqueles que possuem maior poder. O Estado, ator unitário e racional, é tido como elemento central das relações internacionais, procurando a todo o momento garantir sua sobrevivência e manter-se no poder. A anarquia continua a ser um dos maiores problemas enfrentados nas Relações Internacionais.

No segundo capítulo procurou-se esclarecer a importância da Organização das Nações Unidas, juntamente com o Conselho de Segurança no que se refere aos elementos da segurança global e o espaço que o terrorismo ocupa na agenda de segurança.

A ONU foi arquitetada desde sua criação para impedir novos cenários de guerras, através de princípios essenciais, como a diplomacia preventiva e a confiança entre os Estados, a fim de estabelecer a cooperação, a paz e a segurança no cenário internacional. Contudo, as operações realizadas pelo sistema de segurança coletiva, tornaram-se lentas e moderadas, devido ao Conselho de Segurança e suas regras com relação aos cinco membros permanentes¹¹⁸.

O cenário pós-guerra Fria acarretou mudanças tanto na ONU como na identidade cultural dos povos, transformando a ordem mundial bipolar em uma nova ordem multipolar ou multicivilizacional, ou seja, a política mundial passou a ser baseada em um choque de civilizações, afrontando e desafiando o estabelecimento da paz mundial assim como da segurança global¹¹⁹.

Hoje a segurança não é mais voltada somente ao nível nacional e sim a nível global, ultrapassando fronteiras e sofrendo influências e ameaças transnacionais, incapazes de serem solucionadas isoladamente, sendo necessário portando, o estabelecimento de cooperação no sistema internacional e auxílio de atores não- estatais, principalmente quando o assunto é segurança.

O terrorismo praticado nos dias de hoje procura atingir não mais vítimas específicas e sim o maior número possível de inocentes, os quais ameaçam principalmente os valores tradicionais de cunho religiosos. É uma forma violenta de desestabilizar um governo e atingir

¹¹⁸ SARDENBERG, Ronaldo Mota, **Segurança Global: Nações Unidas e Novas Vulnerabilidades**. Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo. 1998. Disponível em: <<http://www.iea.usp.br/publicacoes/textos/sardenbergsegurancaglobal.pdf>> Acesso em: 25.out. 2015

¹¹⁹HUNTINGTON, Op. Cit., p. 19

o psicológico da nação, através da sensação de vulnerabilidade e medo¹²⁰. Apoiado pela globalização se expande rapidamente através das mídias internacionais, causando a comoção e apoio da comunidade internacional.

Em relação ao terceiro capítulo o trabalho procurou estabelecer uma relação da política externa do governo Bush e do governo Obama com relação à segurança e motivação norte-americana após o 11 de setembro.

A guerra continua definindo assuntos da política externa norte-americana, independente do governo, deixando claro que o intervencionismo norte-americano sofre influências diretas da teoria realista e da visão idealista, ou seja, a nação norte-americana luta para deixar claro que a democracia e a guerra são capazes de andar juntas quando se trata da política externa americana¹²¹.

Marcado por uma profunda perda de hegemonia, o Governo Bush declarou guerra ao terror, baseado em ações de cunho preventivo, unilateral, imperialistas, militares e de extrema agressão, o governo procurou deixar claro ao mundo que seriam capazes de promover novamente a segurança nacional norte-americana assim como a global. Lutar contra o terrorismo tornou-se o foco principal da política externa norte-americana.

O uso da força contou com o auxílio das alianças no Sistema Internacional e da cooperação dos demais países no combate ao terrorismo transnacionalizado. O mundo passou a ser dividido em bem e mal, amigo e inimigo. Sob a Doutrina Bush, Bush infringiu e desrespeitou a maior instância decisória do sistema internacional, e através de uma ação unilateral do país iniciou uma intervenção em 2003 com a intenção de capturar Saddam Hussein.

Diferente do governo Bush, Obama assumiu a presidência com objetivos menos ideológicos e mais pacifistas, reforçando a cooperação e alianças no sistema internacional, não deixando de lado os assuntos referentes à segurança internacional¹²². Em 2011, sob o governo de Obama, Bin Laden foi morto, trazendo de volta, a sensação de que o governo norte-americano ainda era capaz de proteger seus cidadãos e a comunidade internacional das novas vulnerabilidades internacionais.

Uma tragédia ainda muito recente, mas que não poderia deixar de ser comentada no presente trabalho, foi a realização de vários ataques terroristas que aconteceram

¹²⁰SAINT- PIERRE, Op. Cit., p.8

¹²¹HENDLER, Op. Cit., p.53

¹²² Missão Diplomática dos Estados Unidos no Brasil, **Obama elabora nova política externa durante o primeiro ano na Casa Branca**, p.2. Disponível em <http://portuguese.brazil.usembassy.gov/primeiro_ano.html> Acesso em 31.out. 2015

simultaneamente na cidade de Paris no dia 13 de novembro de 2015, deixando ao menos 127 mortos e 180 feridos. Foi o ataque mais violento ocorrido na França desde a Segunda Guerra Mundial¹²³.

O Estado Islâmico assumiu a autoria dos ataques, alegando que eles foram uma resposta aos ataques aéreos, liderados pelos Estados Unidos com apoio da França, na Síria e no Iraque¹²⁴. O grupo afirmou ainda que seus combatentes realizaram um estudo minucioso a respeito dos locais onde seriam realizados os ataques.

Paris está vivendo sob a tensão e o pânico de possíveis novos atentados, objetivo crucial dos atos terroristas¹²⁵. François Hollande, presidente Francês, intensificou o nível de ameaça à segurança, reforçou o controle nas fronteiras e decretou estado de emergência, o qual permite que autoridades fechem vias públicas e declarem toque de recolher.

Os ataques foram considerados “um ato de guerra” pelo presidente francês, que afirmou que intensificará os ataques contra o Estado Islâmico e não terá misericórdia, usará tudo que for preciso para combater o grupo islâmico¹²⁶. No dia 15 de novembro de 2015, aeronaves francesas realizaram o primeiro ataque após os atentados em uma base do grupo islâmico na cidade de Raqqa, na Síria.

O presidente Barack Obama fez um pronunciamento no dia 13 de novembro de 2015 sobre a situação em Paris. Obama afirmou que os ataques ocorridos foram mais uma vez uma forma de aterrorizar a população. “Este não é um ataque a Paris (...) mas um ataque a humanidade e aos valores universais que compartilhamos”¹²⁷.

Obama deixou claro que os Estados Unidos estão prontos para prestar qualquer assistência ao governo e a população francesa, já que a França tem sido uma das parceiras extraordinárias na luta contra o terrorismo.

O presidente norte-americano declarou ainda que os que pensam que podem aterrorizar a população francesa ou seus valores de vida, liberdade e busca da felicidade, estão enganados. Os EUA irão trabalhar junto com a França e com os aliados dessa causa para combater o terrorismo.

¹²³**Ataques em Paris:** ‘Estado Islâmico’ assume autoria. Brasil. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/11/151114_franca_hollande_hb> Acesso em: 16.nov. 2015

¹²⁴Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/11/151114_franca_hollande_hb> Acesso em: 16. nov. 2015

¹²⁵**Barack Obama oferece ajuda a França depois de ataques em Paris.** Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2015/11/barack-obama-oferece-ajuda-franca-depois-de-ataques-em-paris.html>> Acesso em: 16.nov. 2015

¹²⁶**Pronunciamento do presidente sobre a situação em Paris.** Disponível em: <<http://portuguese.brazil.usembassy.gov/pt/obama-paris.html>> Acesso em: 16.nov. 2015

¹²⁷Disponível em: <<http://portuguese.brazil.usembassy.gov/pt/obama-paris.html>> Acesso em: 16.nov. 2015

Foi possível concluir o trabalho, por meio da exploração bibliográfica levantada e sem a intenção de esgotar o tema, mas sim com o objetivo de fomentar o debate na área acadêmica, que o terrorismo e a guerra norteiam a política externa norte-americana e que o terrorismo tem a intenção de aterrorizar e gerar o pânico na população desestabilizando o governo.

6 REFERÊNCIAS

Ataques em Paris: 'Estado Islâmico' assume autoria. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/11/151114_franca_hollande_hb> Acesso em: 16.nov.2015

A Rússia na Síria: aspectos políticos e estratégicos. Disponível em: <<http://mundorama.net/2015/11/01/a-russia-na-siria-aspectos-politicos-e-estrategicos-por-antonio-henrique-lucena-silva-e-marco-tulio-delgobbo-freitas/>> Acesso em: 15. nov.2015

Barack Obama oferece ajuda a França depois de ataques em Paris. Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2015/11/barack-obama-oferece-ajuda-franca-depois-de-ataques-em-paris.html>> Acesso em: 16.nov.2015

BRASILEIRO, Lucas, **Síria: o desafio da oposição a Assad**, 2012

BRANDÃO, Gersony A. **Guerra no Iraque: princípio e meio, sem fim**, 2012

BRIGAGÃO, Clóvis. **Prevenir, Manter e Contruir a Paz: Novos desafios á Segurança Internacional.** Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo. 1998. Disponível em: <<http://www.iea.usp.br/publicacoes/textos/brigagaopaz.pdf>> Acesso em: 07.out. 2015

BUZAN, Barry. **As implicações do 11 de setembro para o estudo das Relações Internacionais.** Revista Contexto Internacional, Rio de Janeiro, vol.24, n° 2, julho/ dezembro 2002, pp.233-265. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-85292002000200001&script=sci_arttext> Acesso em: 27.out.2015

COELHO, Bruna Moreira Silva. Kenneth Waltz- **Parte 1: as produções teóricas até a década de 1980.** Disponível em:<<https://pucminasconjuntura.wordpress.com/2013/09/16/kenneth-waltz-parte-i-as-producoes-teoricas-ate-a-decada-de-1980/>> Acesso em: 05.nov.2015

FERREIRA, Marcos Alan Fagner dos Santos. **Definições conceituais para o entendimento da política externa dos Estados Unidos: As noções de poder duro (Hard Power) e poder brando (Soft Power).** Disponível em:<<http://www.santiagodantassp.locaweb.com.br/br/arquivos/nucleos/artigos/marcos.pdf>> Acesso em: 26.nov.2015

FERREIRO, Argemiro. **O Império contra-ataca**, Editora: Paz e Terra, 2004

GONÇALVES, Williams. **Relações Internacionais**.p.13. Disponível em: <http://www.cedep.ifch.ufrgs.br/Textos_Elet/pdf/WilliamsRR.II.pdf> Acesso em: 28.set.2015

HENDLER, Bruno. **O governo Obama e a mudança nos parâmetros definidores da política externa norte-americana: uma análise contemporânea a partir das raízes sociológicas dos Estados Unidos.** Disponível em: <<http://mundorama.net/2011/04/14/o-governo-obama-e-a-mudanca-nos-parametros-definidores-da-politica-externa-norte->

americana-uma-analise-contemporanea-a-partir-das-raizes-sociologicas-dos-estados-unidos-por-bruno-hendler/> Acesso em: 31.out.2015

HUNTINGTON, Samuel P. **O choque de civilizações e a recomposição da ordem mundial**. Trad. M. II. C. Côrtes. Rio de Janeiro. Editora Objetiva. 1997

ITURBE, Alejandro, **Do “Novo Século Americano” de Bush a nova tática política de Obama**. Tradução Marcos Margarido, Marxismo Vivo, nº 22, 2009. Disponível em: <<https://www.archivoleontrotsky.org/download.php?mf=9085>> Acesso em: 04.nov.2015.

JORGE, Bernardo, **O Papel das Forças de Operações Especiais na morte de Osama bin Laden**. 2011

JÚNIOR, Helvécio de Jesus. **Nicolau Maquiavel e seu tempo: A Razão de Estado, A arte da guerra e suas contribuições para a Ciência Política e as Relações Internacionais**, Revista de Ciência e Política, (2014) 23 (1). Disponível em: <<file:///C:/Users/user/Downloads/380-743-1-PB.pdf>> Acesso em: 05.nov. 2015

LARABURU, Paulo. **A contribuição do Realismo Neoclássico para a compreensão do comportamento decisório de Obama na Crise Síria**, 2014

LEITE, Lucas Amaral Batista. **George W. Bush e a construção do inimigo na guerra ao terror**, Fronteira, Belo Horizonte, v.8, n.16, 2º sem. 2009. Disponível em:<<file:///C:/Users/Usuario/Downloads/3861-15454-1-SM.pdf>> Acesso em: 04.nov.2015

LIMA, Leonardo Perez. **Terrorismo, doutrina Bush e a estabilidade do sistema internacional**, 2005

LOBATO, Monteiro. **O Presidente Negro**, 1926

LUZ, Arnaldo José. **A guerra civil na Síria e o envolvimento das grandes potências: uma nova Guerra Fria?**

MAZETTO, Francisco de Assis Penteado. **O terrorismo na história**. Disponível em: <<http://www.ecsbdefesa.com.br/fts/Terrorismo.pdf>> Acesso em: 27.out. 2015

MEDEIROS, Antonio Paulo Cachapuz. **O terrorismo na agenda internacional**. Revista CEJ, Brasília, n.18, p.63-66, julho/setembro. 2002. Disponível em: <<http://www.jf.jus.br/ojs2/index.php/revcej/article/viewFile/490/671>> Acesso em: 27.out.2015

MENDONÇA, Gustavo. **A Tradição Conservadora de Política Externa: Perspectivas para as Eleições Presidenciais de 2012**, 2012. Disponível em:<<http://mundorama.net/2012/02/13/a-tradicao-conservadora-de-politica-externa-perspectivas-para-as-eleicoes-presidenciais-de-2012-por-gustavo-resende-mendonca/>> Acesso em: 26.nov. 2015

Missão Diplomática dos Estados Unidos no Brasil. **Obama elabora nova política externa durante primeiro ano na Casa Branca**. Disponível em: <http://portuguese.brazil.usembassy.gov/primeiro_ano.html> Acesso em: 31.out.2015

MITCHELL, Bárbara. **A reapropriação do Destino Manifesto na Estratégia de Segurança Nacional de George W. Bush**, 2013

MUNHOZ, Sidnei J. **Dilemas da Política Externa e da Estratégia Militar dos Estados Unidos Durante os Governos de George W. Bush**, Caderno do Tempo Presente, Edição n. 7, 7 de abril de 2012. Disponível em: <file:///C:/Users/Usuario/Downloads/2603-7872-1-PB.pdf> Acesso em: 04.nov.2015

NYE, Joseph. **Cooperação e conflito nas relações internacionais**. São Paulo, Editora Gente, 2009

Nações Unidas. **A ONU e o terrorismo**. Disponível em: <http://nacoesunidas.org/acao/terrorismo/> Acesso em: 13.out.2015

NEGRI, Stefania de Rezende. **Ética e moral no realismo político**, Fronteira, Belo Horizonte, v.2, p. 81- 105, jun. 2003. Disponível em:<http://periodicos.pucminas.br/index.php/fronteira/article/view/5031/5124> Acesso em:5.nov.2015

O homem que matou Bin Laden. Disponível em: <http://super.abril.com.br/cotidiano/homem-matou-bin-laden-732908.shtml> Acesso em:17.maio.2014

Obama pede fim das divergências com muçulmanos e 'novo começo'. Disponível em: <http://g1.globo.com/Noticias/Mundo/0,,MUL1182300-5602,00-OBAMA+PEDE+FIM+DAS+DIVERGENCIAS+COM+MUCULMANOS+E+NOVO+COM ECO.html> Acesso em: 16.maio.2014

Os cinco desafios de Obama em seu segundo mandato. Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2012/11/121107_usa2012_desafios_ac.shtml> Acesso em: 18.maio.2014

PECEQUILO, Cristina. **A Diplomacia Presidencial de Barack Obama**, 2009

PECEQUILO, Cristina. **Barack Obama e o Desafio da Liderança**, 2010

PECEQUILO, Cristina. **Bush no Brasil**, 2007

PECEQUILO, Cristina. **Os Estados Unidos e o Século XXI**, 2014

PECEQUILO, Cristina. **Estados Unidos: presente e desafios**, Fundação Alexandre de Gusmão, Rio de Janeiro, 13 de julho de 2007. Disponível em:<http://www.funag.gov.br/biblioteca/dmdocuments/Estados_unidos_%20presentes_e_desafios.pdf>Acesso em: 31.out.2015

Pronunciamento do presidente sobre a situação em Paris. Disponível em:<http://portuguese.brazil.usembassy.gov/pt/obama-paris.html> Acesso em:16.nov.2015

Reinares, F.: **Terrorismo y Antiterrorismo**, Barcelona, Ediciones Paidós Ibérica, 1998.

RUDZIT, Gunther. **O debate teórico em segurança internacional**, Mudanças frente ao terrorismo? In. Cívicas, Revista de Ciências Sociais, Porto Alegre, v.5, n.2, julho-dezembro.2005, p.297- 323. Disponível em:<file:///C:/Users/user/Downloads/5-7668-2-PB.pdf> Acesso em: 27.out.2015

SARFATI, Gilberto. **Teoria de Relações Internacionais**, Editora Saraiva, 2005.

SALATINI, Rafael. **Relações Internacionais Contemporâneas: novos protagonistas e novas conjunturas**, Marília, 2014, Editora Cultura Acadêmica, Disponível em:<https://www.marilia.unesp.br/Home/Publicacoes/relacoes-contemporaneas.pdf> Acesso em:05.nov. 2015

SAINT- PIERRE, Héctor Luis. **Fertilidade heurística da abordagem vitimológica para a análise do terrorismo**. Disponível em: <http://www.academia.edu/5618420/TERRORISMO_FERTILIDADE_HEUR%C3%8DSTICA_DA_ABORDAGEM_VITIMOL%C3%93GICA_PARA_A_ANALISE_DO_TERRORISMO> Acesso em: 27.out.2015

SARDENBERG, Ronaldo Mota. **Segurança Global: Nações Unidas e Novas Vulnerabilidades**. Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo. 1998. Disponível em: <http://www.iea.usp.br/publicacoes/textos/sardenbergsegurancaglobal.pdf> Acesso em: 25.out.2015

TORRES, Luísa Fernanda Turbino. **Políticas de segurança nacional para o combate ao terrorismo internacional nos Estados Unidos da América: reformas e reafirmações do governo Obama**. Disponível em:<http://www.ufrgs.br/sicp/files/2015/09/TURBINO-Pol%C3%ADticas-de-seguran%C3%A7a-nacional-para-o-combate-ao-terrorismo-internacional-nos-Estados-Unidos-da-Am%C3%A9rica.pdf> Acesso em: 04.nov.2015

Veja a cronologia dos principais fatos do 1º mandato de Obama nos EUA. Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/01/veja-cronologia-dos-principais-fatos-do-1-mandato-de-obama-nos-eua.html> Acesso em: 16.maio de 2014

VILLA, Rafael Duarte. **A segurança global multidimensional**. In. Revista Lua Nova. N.46. 1999. Disponível em:<http://www.scielo.br/pdf/ln/n46/a05n46> Acesso em: 27.out. 2015

VIOLA, Eduardo. **“A multidimensionalidade da globalização, as novas forças sociais transnacionais e seu impacto na política ambiental do Brasil, 1989- 1995”**. In: Leila da Costa Ferreira e Eduardo Viola (orgs.). Incertezas de sustentabilidade na globalização. Campinas, Editora da UNICAMP, 1996.

VISENTINI, José William. **Terrorismo e nova ordem mundial**. 2001. Disponível em:<http://www.geocritica.com.br/geopolitica03-1.htm> Acesso em: 27.out. 2015

WEBER, Max, Economia y sociedad, México, Fundo de Cultura Económica, 1994. pp. 43-44.

WEISBERG, Tatiana. **Obama e Política Exterior: Novas Perspectivas para a Guerra contra o Terrorismo?** Disponível em: <http://mundorama.net/2008/11/10/obama-e-politica-exterior-novas-perspectivas-para-a-guerra-contra-o-terrorismo-por-tatiana-waisberg/> Acesso em:04.nov. 2015